

Escola Superior de Educação de Santarém

A influência da Resiliência nos processos educativos na perspetiva dos docentes

Maria José Goncalves Padrão

Relatório de estágio apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação  
Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora Professora Doutora Marta Uva

Dezembro, 2017



## **Dedicatória**

Dedico este trabalho final aos meus pais e irmã, pelo apoio, encorajamento, amor e pelos ensinamentos que formaram os meus alicerces da minha história.

Sem eles, não teria sido possível chegar até aqui e concretizar este meu sonho.

## **Agradecimentos**

Para conseguir chegar a este momento e, com o final de todo este percurso, gostaria de manifestar a minha gratidão a todos aqueles que contribuíram, de forma direta ou indireta, para o meu crescimento.

Agradeço a todos os professores que me transmitiram conhecimentos, experiências e conselhos. A este nível todos eles contribuíram para o meu crescimento, quer a nível pessoal, quer profissional. Contudo, deixo um agradecimento especial à Professora Helena Luís, à Professora Maria Clara Martins, à Professora Madalena Teixeira, à Professora Maria João Cardona e ao Professor Nelson Mestrinho, pelo acompanhamento durante as diversas etapas dos estágios pedagógicos. A estes formadores, o meu muito obrigado pelas orientações e apoio. Também não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Marta Uva, por toda a dedicação, paciência, apoio e disponibilidade que sempre demonstrou ter e, principalmente, a manifesta compreensão ao longo deste percurso. Sem a sua orientação não teria sido possível chegar até aqui, sou-lhe muito grata.

Um agradecimento, também ele importante, às Instituições que me abriram as portas para poder realizar os meus estágios curriculares; a todos os cooperantes e, principalmente, às crianças com quem trabalhei, pois é por elas que tudo vale a pena.

Agradeço também a todas as minhas colegas e amigas que me acompanharam durante o período da Licenciatura e do Mestrado. Um agradecimento especial aos meus grandes amigos Cátia Silva e Evaristo Fróis, que durante a Licenciatura apoiaram-me e deram-me força para aqui chegar.

Não posso também deixar de agradecer a todos os professores que se disponibilizaram a responder à minha entrevista.

Para finalizar, o meu sincero agradecimento à minha família, principalmente pais e irmã, que me apoiaram todos os dias no percorrer deste sonho.

## **Resumo**

O presente Relatório síntese integra e reflete as experiências educativas vividas ao longo do percurso de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado em contexto de creche, pré-escolar e primeiro ciclo. Numa primeira parte são apresentados os estágios e respetivos percursos de desenvolvimento profissional; na segunda parte é descrito o percurso investigativo e o trabalho de pesquisa realizado. Este trabalho permitiu analisar como “A influência da Resiliência nos processos Educativos nas práticas educativas”.

Palavras-chaves: Resiliência – Aprendizagem – Desenvolvimento profissional – Prática Educativa

## **Abstract**

This synthesis report integrates and reflects the educational experiences lived along the course of Supervised Teaching Practice of the Master's Degree in Pre-School and 1st Cycle of Basic Education, carried out in the context of nursery, preschool and first cycle. In the first part, the stages and respective professional development paths are presented; in the second part, the investigative course and the research work are described. This work allowed to analyze how "The influence of Resilience on educational processes in educational practices".

Keywords: Resilience - Learning - Professional Development - Educational Practice

## Índice

Dedicatória .....	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo .....	V
Abstract .....	VI
Introdução.....	9
Capítulo I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada.....	11
1.1. Enquadramento da Instituição.....	11
1.2. Caracterização do grupo.....	12
1.3. Caracterização da sala .....	13
1.4. Projeto Educativo da Instituição .....	15
1.5. Percorso de aprendizagem em Creche.....	16
2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância.....	17
2.1. Enquadramento da Instituição.....	17
2.2. Caracterização do grupo.....	17
2.3. Caracterização da sala .....	19
2.3.1. Áreas da sala .....	21
2.4. Projeto de intervenção .....	22
2.5. Percorso de aprendizagem em Jardim de Infância .....	25
3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico – 1º e 2º Ano.....	27
3.1. Enquadramento da Instituição.....	27
3.2. Caracterização do grupo.....	29
3.3. Caracterização da sala .....	30
3.4. Projeto de intervenção .....	31
3.5. Percorso de aprendizagem em 1º Ciclo do Ensino Básico – 1º e 2º Ano.....	33
4. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico – 3º e 4º Ano.....	35
4.1. Enquadramento da Instituição.....	35
4.2. Caracterização do grupo.....	35
4.3. Caracterização da Sala.....	36
4.4. Projeto de intervenção .....	36
4.5. Percorso de aprendizagem em 1º Ciclo do Ensino Básico – 3º e 4º ano.....	38
2. Percorso do desenvolvimento pessoal e investigativo .....	42
Capítulo II – Trabalho de pesquisa.....	44
1. Objetivos da pesquisa.....	44

2. Conceito de Resiliência .....	46
2.1. A resiliência em crianças pequenas .....	46
2.2. Definir resiliência em crianças de idade pré-escolar e 1º Ciclo .....	48
2.3. Aspetos que favorecem a resiliência .....	49
2.4. Papel do Educador / Professor a favorecer a resiliência .....	50
2.5. Como promover a resiliência em ambiente escolar .....	52
2.6. A aprendizagem e a resiliência .....	53
3. Metodologia .....	55
a) Tipo de estudo.....	55
b) Técnicas de recolha de dados.....	56
c) Participantes no estudo .....	56
4. Apresentação e análise de dados .....	58
5. Síntese comparativa dos resultados .....	60
Capítulo III – Reflexão Final .....	61
Referências Bibliográficas .....	63
Anexos .....	64

### **Índice figura**

Figura 1- Sala de atividades e higiene (Legenda Anexo1) .....	14
Figura 2 - Área de atividades .....	20
Figura 3 - Localização da Escola EB1 .....	27

### **Índice Quadros**

Quadro 1 – Temas e conteúdos lecionados .....	31
Quadro 2 – Áreas Curriculares .....	37

### **Índices anexos**

1. Legenda da Sala de 1 ano.....	65
2. Guião de Entrevista .....	66
3. Transcrição das entrevistas .....	67
4. Análise de conteúdos .....	72
5. Inferência de dados prévios .....	74

## Introdução

O Mestrado de habilitação para a docência é uma etapa de formação essencial para a obtenção da atividade profissional para a docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

O presente relatório, faz uma síntese representativa de todas as experiências e vivências que resultam num percurso de aprendizagens profissionais desenvolvidas durante os estágios, ao longo de três semestres, de Creche, Pré-escolar e Primeiro Ciclo.

O estágio é o momento em que todos os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico se articulam, de modo a serem postos em prática. É também neste momento que os futuros profissionais se apercebem realmente das suas fragilidades, em que pontos da sua prática estão mais à vontade e em que pontos devem melhorar. É importante refletir-se sobre as aprendizagens efetuadas, porque só um professor consciente da necessidade de refletir sobre a sua prática pode evoluir. É essa reflexão sobre a ação que faz reestruturar as planificações, as intervenções em aula, a forma de ensinar, motivar e avaliar os alunos.

No decorrer deste percurso formativo, foram surgindo questões que fundamentaram o desenvolvimento de um exercício investigativo em torno da resiliência, nomeadamente: A influência da Resiliência nos processos educativos e na aprendizagem da criança em contexto pré-escolar e primeiro ciclo; Como a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem e qual a importância para a mesma? A resiliência é um aspeto psicológico definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas, ou desafiadoras.

Numa primeira parte, este documento apresenta os quatro contextos em que se realizaram os estágios Prática de Ensino Supervisionada; dois estágios da Educação Pré-Escolar, que se realizaram em estabelecimentos de ensino público, em agrupamentos de escolas da cidade de Santarém e dois estágios do 1.º Ciclo de Ensino Básico, que se realizaram nos mesmos moldes.

Após a contextualização dos estágios, irá ser feita a apresentação e reflexão do desenvolvimento profissional e investigativo recorrente dos períodos de estágio, no qual irão ser referidas as vivências, as aprendizagens e os obstáculos que foram sendo superados no decorrer deste percurso formativo.

De seguida, será feita uma contextualização teórica aprofundada da problemática investigada.

O tipo de estudo que utilizei, foi um estudo qualitativo, isto é, um método de

investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais. Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo. Numa pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo.

O instrumento de recolha de dados utilizado foi uma entrevista, para tentar entender o que é resiliência e se educadores e professores têm a mesma opinião sobre o sentido da mesma.

Na terceira e última parte do trabalho, porque um profissional necessita de ter uma atitude reflexiva, irá ser feita uma análise reflexiva de todo o trabalho, fazendo uma conjugação das duas partes anteriores, integrando estágios e pesquisas. Este relatório terminará com uma reflexão final de todo o trabalho realizado.

## **Capítulo I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada**

### **1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche**

#### **1.1. Enquadramento da Instituição**

A Creche teve a sua inauguração em setembro de 1998, entrando em funcionamento em outubro de 1998, surgindo como resposta às necessidades de muitas famílias com ocupações laborais. Esta valência foi criada para apoiar não só a criança, mas também a família e a comunidade.

Esta instituição tem, como colaboradores das duas valências, a Creche e o Pré-escolar, uma Psicóloga/Diretora da Instituição, uma Coordenadora Técnica Pedagógica, seis Educadoras de Infância, nove Auxiliares de Ação Educativa e três Auxiliares de Serviços Gerais.

A Creche/Pré-Escolar têm um horário de funcionamento de 11h15m diárias, sendo que abre às 7h45 e encerra às 19h. A primeira valência, a Creche é composta pelo Berçário, Sala de 1 Ano, Sala dos 2 Anos e Sala Familiar, incluindo-se também uma Sala de Estímulo, um refeitório, uma copa, três casas de banho e um fraldário, um gabinete de atendimento, uma zona de cabides, um vestuário para os funcionários e duas casas de banho para adultos. Na segunda valência, o Pré-escolar, existem três salas de atividades destinadas aos 3, 4 e 5 Anos, duas casas de banho e duas arrecadações.

As crianças que frequentam tanto a Creche como o Pré-Escolar são, de modo geral, residentes na zona do estabelecimento, constando também filhos de funcionários da instituição.

A rotina diária desenvolve-se em duas etapas distintas, começando pela manhã que se centra nas atividades dirigidas e da parte da tarde com atividades dinamizadas pelas educadoras ou escolhidas pelas crianças.

Em relação às divisões na Creche e no Pré-Escolar, e começando pelo Berçário, este acolhe 9 bebés; na Sala de 1 Ano estão 13 crianças; na Sala dos 2 Anos estão 19 crianças; na Sala Familiar estão 13 crianças com duas idades compreendidas; na Sala dos 3 Anos estão 23 crianças; na Sala dos 4 anos estão 22 crianças; e, por fim, na Sala dos 5 anos estão 21 crianças.

As salas de Creche e Pré-Escolar são espaços agradáveis e apelativos para a aprendizagem da criança, dispondo de iluminação natural, com espaços de arrumação e acesso direto às casas de banho/fraldário.

## 1.2. Caracterização do grupo

Tendo em conta que é partindo do conhecimento, do pensamento e dos interesses das crianças que o educador desenvolve uma prática educativa de qualidade, este deve, antes de partir para a fase de planeamento, conhecer bem o grupo de crianças com que vai trabalhar. Todas as crianças são diferentes, por conseguinte, a nossa intervenção implica uma diferenciação pedagógica face a cada uma delas. A diferenciação pedagógica é fundamental para que o educador possa atender às características das crianças, considerando os seus conhecimentos e vivências prévias, as suas necessidades e dificuldades. A intervenção do educador no desenvolvimento do processo educativo passa por várias etapas que se interligam.

Assim, para um eficaz desenvolvimento da sua prática pedagógica este deverá ser capaz de “observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades” (Ministério da Educação, 1997:25), tal como o contexto em que estas se inserem, para que possa adequar, o melhor possível, todo o processo educativo à situação real. A observação constitui, portanto, a base do planeamento. “Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como, as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças, a dimensão do grupo.” (Ministério da Educação, 1997:35)

O grupo de crianças, onde foi realizado este estágio em creche, é constituído por 13 crianças, sendo 6 crianças do sexo feminino e 7 crianças do sexo masculino. A maioria destas crianças já frequentou o infantário no ano transato. Importa também referir que, todas as crianças vivem com os pais e só uma do grupo não têm irmãos.

Relativamente ao desenvolvimento global das crianças, foram notórias diferentes entre si, visto que nesta faixa etária uma diferença de poucos meses é bastante significativa. No que diz respeito ao desenvolvimento motor, existem quatro crianças que se encontram no processo de aquisição da marcha, os restantes já adquiriram a marcha, sobem e descem escadas e trepam obstáculos.

O grupo tem vindo a desenvolver a sua motricidade fina – seguram e manipulam objetos, entre outros. Algumas crianças já demonstram interesse e são capazes de comer sozinhas, visto que são capazes de segurar um copo ou uma garrafa, assim como os talheres. Quanto ao desenvolvimento pessoal e social, o grupo apresenta um autoconhecimento e um autoconceito bastante positivo, por exemplo, são capazes de identificar objetos que lhes são familiares, demonstram preferências por determinados objetos ou pessoas e possuem emoções adequadas às diversas situações vivenciadas. O grupo de crianças possui uma interação positiva com os

adultos da sala, relativamente à interação entre as crianças, esta também é positiva. Esta situação é perfeitamente natural, tendo em conta a faixa etária do grupo.

No que concerne ao desenvolvimento da linguagem verbal, o grupo apresenta uma capacidade crescente para comunicar ou em usar a linguagem oral, sendo capaz de compreender pedidos ou ordens simples que impliquem uma determinada tarefa. Ao nível da expressão oral existe uma discrepância entre o grupo, as crianças mais novas (12/17 meses) encontram-se na fase da holófrase, ou seja, de uma única palavra, enquanto as crianças mais velhas (18/22 meses) produzem pequenos enunciados relacionados com o seu meio envolvente e, todos os dias, surgem muitas palavras novas na expressão oral.

Relativamente ao desenvolvimento cognitivo, o grupo revela uma consciência básica de causa-efeito, compreende alguns conceitos matemáticos, como o conceito de “mais”, é capaz de empilhar duas peças de legos, entre outros. No geral, é um grupo que está interessado em efetuar novas aprendizagens, embora algumas das crianças demonstrem algum receio em experimentar situações novas, enquanto outras o fazem sem o menor problema.

### **1.3. Caracterização da sala**

Os espaços de educação podem ser diversos, mas o equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. Perante este fator cabe ao educador questionar-se sobre a função e finalidades educativas dos espaços e materiais, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.

O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo. Assim sendo, se ao chegarem à sala e encontrarem os móveis e os materiais arrumados de forma agradável, bem organizados e convidativos, tendo em conta o desenvolvimento da criança, estas sentem-se motivadas, sabem escolher o que desejam e colaboram com a organização geral. Por outro lado, se as áreas não estiverem bem definidas e os materiais colocados de forma organizada, as crianças podem não saber o que fazer e ficam desorientadas, incapazes de assumir a atitude de autonomia que se deseja estimular.

Para que as atividades diversificadas aconteçam num clima harmonioso e de

forma organizada, é desejável que na sala se encontrem algumas “áreas”, espaços lúdicos que convidem à brincadeira livre e à realização de atividades orientadas.

Segundo Zabaldo (1987), o espaço deve ser uma estrutura de oportunidades e contexto de aprendizagem e de significados.

Quando refletimos sobre a organização do espaço da sala de atividades devemos considerar aquilo que maioritariamente existe e que motiva o funcionamento das atividades e do trabalho na nossa sala: o mobiliário e os materiais didáticos.

O espaço deverá ter uma organização dos materiais aptos para as crianças, ou seja, devem estar ao seu alcance e a sua organização deve apresentar uma estrutura lógica.

Todos estes fatores contribuem para surgir e estimular diferentes tipos de atividades, tendo em conta que os materiais são provocadores de atividades infantil e, portanto, a leitura do tipo de materiais que há dentro da sala de aula oferece uma boa ideia do tipo de trabalho que é realizado na mesma.

O espaço é fundamental no processo ensino e aprendizagem. Uma adequada organização do ambiente, incluindo o espaço, recursos materiais e distribuição do tempo será fundamental para a consecução das intenções educativas.

O ambiente deve ser estimulante, limpo e ordenado, proporcionar segurança e aprendizagem.

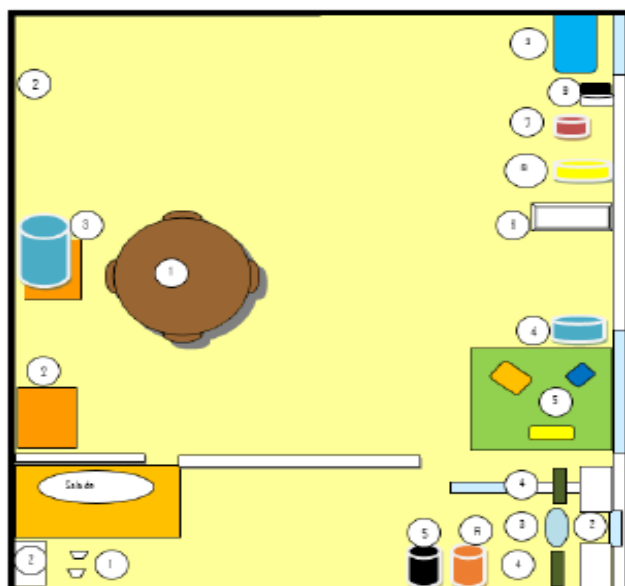


Figura1- Sala de atividades e higiene (Legenda Anexo1)

#### 1.4. Projeto Educativo da Instituição

O projeto Educativo de Creche da instituição tem como tema “Passo a passo, brincar é aprender”, tendo especial incidência no desenvolvimento físico, cognitivo e sócio afetivo, num clima harmonioso de liberdade e respeito pelo outro, acompanhando a criança individualmente.

Com um ano a criança encontra-se no período sensório-motor, conquista o mundo que a rodeia através da própria ação. Atua sem refletir, procura a satisfação imediata. Existe intencionalidade nos seus atos.

Segundo Piaget, encontra-se na quinta fase, caracterizada pela permanência do objeto, embora não o tenha presente (procura um objeto que lhe retiramos depois de lho termos mostrado), e pela experimentação – ação; explora, investiga a realidade que a rodeia e observa os resultados das suas diferentes experiências (atira objetos ao chão para os ver cair). As explorações que a criança realiza sobre os objetos, de forma ativa, vão-lhe permitindo experimentar e descobrir as suas propriedades. A partir dos dezoito meses, entra na sexta fase, dando-se um novo passo no aspeto cognitivo, o da representação: a criança é capaz de representar mentalmente os movimentos, sem necessidade de os executar (não sobe a uma cadeira porque pode cair, desce as escadas de costas porque é mais seguro).

A criança possui, além da noção do objeto, os conceitos de espaço, tempo e causalidade e a partir daqui pode agir de forma inteligente.

Começam as primeiras competências sociais: gosta de mostrar as suas graças, de cumprir algumas ordens (traz os sapatos), de brincar e sair a passear com o adulto. Adota um comportamento sociável. É capaz de ter medo, cólera, afeto e simpatia.

Inicia-se na autonomia, come sozinha. O controlo dos esfíncteres é irregular. Colabora no vestir (estica as mãos, mete uma manga, calça as sapatilhas).

Apare a consciência do “eu”, aliada a um excessivo uso de pronomes possessivos e do advérbio de negação “não”. No fim do primeiro ano aparece a autoafirmação, negando-se a pedidos e ordens realizados pelos pais. Revela “chamadas de atenção, impondo a sua vontade através de gritos de bater os pés e recusa daquilo que lhe oferecem. As crianças dominadoras costumam ter um comportamento abusivo relativamente às mais submissas da sua idade, em especial pela posse de objetos, reagindo de forma agressiva, através de puxões de cabelos e dentadas.

É notável o aumento de vocabulário, escuta as palavras com muita atenção e repete-as. Utiliza duas ou três palavras em estilo telegráfico (meu carro). Manifesta um grande interesse pelas histórias e contos tradicionais.

## **1.5. Percurso de aprendizagem em Creche**

Estas primeiras semanas de intervenção foram um desafio superado de forma positiva. Nem sempre correu da forma esperada, mas de um modo geral e de acordo com a opinião da educadora cooperante, as semanas tiveram um desenrolar tranquilo e motivador, para mim enquanto estagiária, havendo uma evolução.

Ao longo deste estágio foi permitido desenvolver uma série de competências e conhecimentos. O estágio permitiu uma melhor perceção das dinâmicas de funcionamento e organização da Instituição, onde o educador demonstra ter um papel essencial e crucial.

Para o processo de observação ser concluído com sucesso, foi necessário recorrer a diversos instrumentos metodológicos e, por esse motivo, desenvolveram-se competências ao nível de todo o processo de construção de instrumentos de investigação. Os instrumentos metodológicos utilizados foram através da observação, da utilização de grelhas de avaliação e da reflexão da prática/ teoria. Sendo ainda de referir que foi perceptível a importância da utilização destas técnicas para avaliar a realidade a ser estudada e assim definir os objetivos.

Para além do referido anteriormente, com este estágio, foi sentida ou notória a progressão de competências pessoais, no que diz respeito à gestão de horários e ao trabalho em equipa. Por exemplo, a organização/ programação de uma atividade tem que ser feita/pensada conforme o tempo que tenho para a concluir, e sinto que neste aspeto melhorei muito.

Ao longo deste processo de aprendizagem, um dos aspetos positivos, que ocorreu, tanto a nível pessoal como profissional, e foi a boa relação conseguida, tanto com os utentes como com o corpo docente e não docente da Instituição.

Deste modo, todo o processo foi relevante porque permitiu definir uma linha orientadora de postura profissional a desenvolver no futuro. A postura profissional tem que ser de respeito por todos os que nos rodeiam e trabalhar em equipa.

Cada vez mais, ser docente/educador é uma profissão em que os dias são todos diferentes e apesar de preparados, com cuidado, o trabalho com crianças exige profissionalismo e dedicação. Por isso, esta profissão abarca uma ambivalência grande de sentimentos, por um lado desânimo com uma atividade que perspetivámos com grande entusiasmo, e que na prática, não resultou tão bem, por outro lado, quando reformulamos a nossa atuação e vemos que resultou, surge uma sensação de gratificação muito grande e ânimo, para continuarmos e para sermos melhores.

## **2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância**

### **2.1. Enquadramento da Instituição**

Santarém é uma cidade portuguesa, capital do distrito de Santarém, com cerca de 28 760 habitantes. O município é limitado a norte pelos municípios de Porto de Mós, Alcanena e Torres Novas, a leste pela Golegã e pela Chamusca, a sueste por Alpiarça e Almeirim, a sul pelo Cartaxo, a sudoeste pela Azambuja e a oeste por Rio Maior.

O Jardim de Infância, onde realizei estágio, situa-se num local que se desenvolveu e cresceu muito de há cerca de 10 /15 anos a esta parte.

Da terra onde existia apenas a Quinta do Jardim, que hoje está em ruínas, foram emergindo rapidamente casas, vivendas, bairros de andares e, num instante, tudo se transformou, dando origem a uma explosão demográfica nesta área. Foi aqui, nesta zona nova da freguesia de Salvador, que nasceu o centro escolar, tendo iniciado o seu funcionamento no ano letivo 2011/2012.

O Centro Escolar é um edifício de rés de chão e 1º andar construído de raiz e em bom estado de conservação.

Com cerca de 300 alunos, a instituição é composta por dois espaços para recreio distintos: o espaço destinado às crianças do pré-escolar contendo três aparelhos de exterior, uma área coberta, uma área com relva e o espaço destinado às crianças do 1º Ciclo, composto por um campo de jogo e um espaço de brincadeira. Neste edifício existem 12 salas de atividades, sendo 4 salas de jardim-de-infância e 6 de primeiro ciclo. É composto também por cinco arrecadações, um salão/átrio polivalente, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala de funcionários, cinco gabinetes, um hall/recepção, sete wc. de crianças, dois wc. de adultos e dois wc. de deficientes, dois gabinetes médicos, um refeitório/cozinha equipada e dois telheiros laterais.

### **2.2. Caracterização do grupo**

O grupo é constituído por vinte e três crianças, de faixas etárias heterogenias (3,4,5 e 6 anos). Esta heterogeneidade sugere-nos à partida a existência de interesses e motivações distintas, fator a ter em conta na dinamização do ambiente educativo.

Deste modo, havia momentos em que é importante o grupo estar todo reunido

em simultâneo e outros momentos em que será mais adequado formar pequenos grupos por faixa etária. De salientar também, que existem muitas situações/períodos em que é importante para a criança realizar atividades individuais, apenas com a supervisão do adulto. As crianças deverão reunir em grande grupo, no acolhimento diário, nos momentos de planificação e avaliação diária/semanal, e em atividades que envolvam todas as crianças da sala em simultâneo. Segundo a educadora, este grupo de crianças revelou as dificuldades normais de adaptação no início do ano letivo, mas que gradualmente têm vindo a ser superadas, existindo ainda um longo percurso a realizar. Estas dificuldades dizem respeito ao domínio das regras base de funcionamento do Jardim de Infância, à organização dos espaços de trabalho, às rotinas diárias e ao respeito pelo outro. A coordenação motora está afinada ao nível de movimentos largos, mas ainda bastante imperfeita ao nível de pequenos movimentos. São notórias diversas complicações no manuseamento de alguns materiais como a tesoura, o pincel e, na maioria das crianças que entraram pela primeira vez, também no manuseamento dos lápis. Relativamente ao esquema corporal, a maioria das crianças sabe nomear e apontar as principais partes do corpo, tendo algumas, as mais novas, dificuldades em nomear sobancelhas, pestanas, cotovelo, calcanhar, ... Ao nível da expressão dramática as crianças fazem as suas representações nas diversas áreas de atividades, como na garagem e na casinha, mostrando a representação do jogo simbólico. Ao nível do desenho, as crianças de três anos e três crianças de quatro anos ainda não fazem a representação da figura humana, estando ainda na fase da garatuja. A maioria do grupo faz o reconhecimento e sabe nomear as cores. No entanto, duas crianças de três anos e duas de quatro anos estão ainda a adquirir estas competências. Relativamente à expressão musical, os mais velhos identificam canções pela sua melodia, vozes dos amigos, sons dos animais e outros, não havendo grandes dificuldades ao nível da identificação sonora.

No que diz respeito à linguagem oral e abordagem à escrita, os mais velhos já identificam alguns números e algumas letras. Gostam de livros e de ouvir histórias. No entanto, revelam ainda alguns obstáculos no reconto das mesmas. A maioria das crianças gosta de comunicar entre si e com o adulto. A maioria das crianças mais velhas copia o seu nome, assim como outras palavras que surgem na sequência das diversas atividades realizadas na sala. Existem duas crianças que completam os seis anos até ao final do mês de dezembro e que revelam muita motivação pelo domínio da leitura e abordagem à escrita, sendo que uma delas já faz a leitura de pequenas palavras. Relativamente ao grupo de cinco anos, composto por nove crianças, cinco são de matrícula condicional no primeiro ciclo, para o próximo ano letivo. São crianças precoces, que se reflete sobretudo ao nível da capacidade de atenção/concentração.

Deste grupo faz parte uma criança do sexo masculino que apresenta muitas dificuldades a diferentes níveis, incluindo o nível da linguagem, frequentando, uma vez por semana, sessões de Terapia da Fala, através do projeto de Intervenção Precoce. No início do ano letivo, esta criança, começou por ter também apoio individualizado com uma docente do Ensino Especial, no entanto este apoio foi suspenso em meados do mês de Outubro. Ainda no grupo desta faixa etária existe uma outra criança, também do sexo masculino, que frequenta este Jardim de Infância, pela primeira vez, cujo desenvolvimento não está ao nível das restantes crianças do grupo. É uma criança que se associa aos mais novos para brincar, tem ainda muitos impedimentos em resolver situações do quotidiano, solicitando com frequência a intervenção do adulto. No que diz respeito à representação gráfica da figura humana, encontra-se na fase do girino e, ao nível da linguagem, revela também complicação ao nível da articulação e construção frásica. Ainda com obstáculos ao nível da linguagem e também desta faixa etária, existe mais uma criança, mas do sexo feminino.

Relativamente ao grupo da faixa etária dos quatro anos, são crianças muito comunicativas e expansivas, cooperando, sugerindo e aderindo com prazer às experiências de aprendizagem, necessitando, no entanto, de desenvolver competências ao nível da atenção e concentração. No que respeita ao grupo dos três anos, composto por quatro crianças, não há dificuldades a salientar: adaptaram-se bem aos adultos, aos colegas, revelando um desenvolvimento adequado à sua faixa etária. Em termos de interesses, a maioria das crianças gosta de jogos e construções, atividades de expressão motora e de ouvir histórias. Em relação ao grupo em geral, são crianças assíduas e pontuais. No que diz respeito aos materiais, a sala tem material pedagógico, adequado e disponível às crianças. A Educadora, ao longo do ano letivo, procura enriquecer este aspeto, construindo materiais que a possibilitem dinamizar de uma forma positiva as aprendizagens das crianças. Em relação ao espaço, a sala de atividades torna-se um pouco reduzida, dado o número e a faixa etária das crianças a que se destina. Por outro lado, a existência de uma bancada de apoio que não está acessível à altura das crianças, condiciona mais o espaço e a autonomia das crianças, em atividades como pintura, modelagem de barro, entre outras.

### **2.3. Caracterização da sala**

A organização da sala é uma das principais condições para que as atividades se desenvolvam tranquilamente e com resultados esperados. Deverão existir

diferentes espaços para explorar. Espaços, esses que poderão sofrer alterações, segundo as planificações, o desejo das crianças e os novos materiais adquiridos ou construídos pelas crianças.

A aprendizagem acontece nos espaços onde as crianças, pouco a pouco, conquistam a sua autonomia. Os móveis e os materiais estão arrumados de forma agradável, bem organizados e convidativos, para que as crianças se possam sentir motivadas, possam escolher o que desejam fazer e colaborem na organização geral da sala.

As áreas devem estar bem definidas e os materiais colocados em local próprio, para que as crianças saibam utilizá-los e arrumá-los de uma forma autónoma. A organização da sala será feita através da sua divisão por áreas, delimitadas pela disposição das mesas.



Figura 2 - Área de atividades

Com esta disposição das áreas, pretende-se ter uma visão completa de qualquer ponto da sala. O espaço deverá ser caracterizado por um ambiente alegre, colorido e acolhedor, os materiais devem estar organizados de forma adequada as crianças.

O espaço é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Uma adequada organização do ambiente, incluindo espaços, recursos materiais e distribuição do tempo será fundamental para a consecução das intenções educativas.

### **2.3.1. Áreas da sala**

#### **Área de grande grupo**

É um local de reunião, onde todos se sentam em roda para partilhar vivências, contar histórias, cantar, realizar alguns jogos, sendo este também o local onde podemos programar todo o trabalho que pretendemos realizar ao longo do dia, planifica-se como grupo, preenchem-se os quadros de gestão do grupo, fazem-se avaliações através de registos e outros... Pode não ser um espaço exclusivo do acolhimento, visto ser também um espaço que as crianças utilizam nas atividades de trabalho autónomo.

#### **Área da leitura**

Esta área contém uma estante que se encontra ao nível das crianças, dispendo de livros diversos. Esta área tem como objetivo a criança manusear os livros, inventar, “ler” e contar histórias, manusear ficheiros e revistas. Com isto, a criança explora de forma livre os livros.

#### **Área das construções**

Nesta área existem legos de plástico, diversificados em cores e formas e pistas para construção. As crianças têm espaço suficiente para fazerem as suas construções (torres, pistas, abrigos para os animais, etc...), brincando ao “faz de conta”.

Nesta área a criança experimenta construções; faz atividades de iniciação à matemática que implica comparações e seriações, sequências, tamanhos, peso, forma e cor; experimentam materiais que promovem noções de lateralidade e podem realizar atividades de experimentação de noção espacial como: puzzles, construções, pistas de carros, etc.

#### **Área da casinha**

Na área da casinha, as crianças são envolvidas por uma série de materiais, que as transportam ao jogo simbólico e dramático, reproduzindo situações do seu quotidiano, atribuindo diversos significados aos materiais existentes, através da sua livre exploração. Quanto aos materiais, existe um fogão, panelas e frigideiras, alimentos de plástico (fruta, legumes, carne e peixe); um armário de cozinha, com pratos e copos, um frigorífico. Contém ainda uma tábua de passar a ferro, um ferro de passar roupa, bonecos, carrinhos de bebé, uma mesa com cadeiras e um espelho.

#### **Área dos jogos de mesa**

Neste espaço existe uma grande variedade de jogos, tais como: material de enfiamentos, encaixe, construção, jogos ludo-didáticos, puzzles, jogos com labirintos, associação de imagens. Estes jogos permitem desenvolver na criança a destreza motora, o raciocínio lógico e a memória. Os materiais encontram-se arrumados num armário com prateleiras, ao nível das crianças, possibilitando o fácil acesso. Neste armário existe também uma caixa onde estão guardados animais domésticos e selvagens em plástico.

### **Área da garagem**

Na área da garagem, existe um tapete com estampagem – ruas, estradas com sinais de trânsito – uma garagem de madeira, com uma rampa, e diversos carros com formas e tamanhos diferentes. Geralmente as crianças brincam com os carros. Contudo, existe uma certa flexibilidade de utilização de brinquedos não pertencentes à área. Aqui as crianças desenvolvem a criatividade e representam situações que lhes são familiares, utilizando brinquedos disponíveis.

### **Área da Expressão Plástica**

Na sala existe uma mesa que se destina à área da expressão plástica. Aqui as crianças podem fazer recorte e colagem, moldagem, desenho com vários materiais, pinturas com tintas e outras atividades dirigidas pela educadora. Existia também uma prateleira onde se encontram os materiais de desenho. Uma outra prateleira é utilizada para os materiais que se destinam às atividades de recorte e colagem – tesouras, tubos de cola, folhas brancas e de cor, revistas etc. Há também uma prateleira onde podemos encontrar plasticina com vários utensílios para a sua modelagem.

## **2.4. Projeto de intervenção**

“A educação para a saúde e higiene, fazem parte do dia-a-dia do Jardim-de-infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer, se agasalha no inverno e usa roupa mais leve quando está calor, deve comer a horas certas e porque não deve abusar de determinados alimentos. Estas questões podem levar ao aprofundamento de determinados conhecimentos sobre o funcionamento dos diferentes órgãos do corpo, as características que distinguem os alimentos, (...)” (OCEPE, 1997, p. 84)

O tema do projeto foi baseado na articulação com o centro de saúde, num

projeto relacionado com a higiene oral. O projeto parte do tema: “A higiene oral”. Com este projeto pretende-se que a criança comece por conhecer a sua dentição, partindo posteriormente para as suas necessidades e, de seguida, para as do mundo que a rodeia, sendo que ela, a criança, é parte integrante desse meio e tem responsabilidades a assumir.

Tendo em conta o grupo de crianças em análise, foi conveniente centrar o projeto na Área de Formação Pessoal e Social e na Área do Conhecimento do Mundo, “A Área de Formação Pessoal e Social proporciona à criança oportunidades de se situar na relação consigo própria, com os outros, com o mundo social e também de refletir como se relaciona com o mundo físico” (OCEPE, p. 79) “ A Área do Conhecimento do Mundo não visa promover um saber enciclopédico, mas proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças (...) mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender.” (OCEPE, p.85) ...visto que são crianças de diversas idades, crianças com três anos de idade que necessitam acima de tudo aprofundar e interiorizar regras de socialização, regras de convivência, rotinas e a higiene pessoal, no sentido de desenvolver dia após dia a sua autonomia.

No entanto, não podemos descurar as restantes áreas de conteúdo, sendo que este não deixa de ser transversal a todas elas. Deste modo, é pretendido proporcionar experiências educativas e desafiadoras, para que cada criança construa a sua aprendizagem efetuando um desenvolvimento equilibrado.

Segundo o princípio geral das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, “...a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.” Tendo em conta as características do grupo de crianças e, observando as suas competências e necessidades, torna-se fundamental partir das competências que elas já têm, de modo a desenvolvê-las. “... Uma boa parte das suas aprendizagens de socialização, já a realizou no seio da família, nas brincadeiras com os outros (...) salientamos a conquista e a consolidação de certas condutas sociais tidas como básicas” (...) “...propõe-se gerar e consolidar hábitos e atitudes de relações de respeito e cooperação, o que implica ser capaz de se situar imaginariamente na perspetiva ou posição do outro (roletaking) e, o que é mais importante, compreender e assumir a conduta do outro, possibilitando então condutas consistentes de respeito e, com grau de superação, ser capaz de juntar-se e

cooperar”. (*Enciclopédia de Educação Infantil – vol. II, p. 347*) “... promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitiram tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução de problemas da vida” (OCEPE, p. 51). A convivência num jardim-de-infância com crianças da sua idade e, com características iguais a si, vai obrigar a criança a adquirir hábitos e atitudes de relacionamento, comunicação, resolução de problemas, de cooperação e respeito que são fundamentais para o desenvolvimento da própria vida em sociedade. Neste espaço, as crianças percebem a necessidade de escuta, do diálogo e da compreensão, em que terão de aprender a aceitar, ganhar, perder, ceder, devolver e solicitar. A criança aprenderá ainda a comprometer-se, aceitar as normas, esforçar-se com os pares, a participar, colaborar, até tomar consciência do valor e da necessidade do esforço coletivo, para posteriormente alargar e assimilar a compreensão de normas e valores culturais da comunidade envolvente. Ultimamente têm surgido, cada vez mais, preocupação com as questões ambientais, uma vez que se tem posto em causa a sobrevivência do planeta a longo prazo. Assim sendo, é importante promover nas crianças a perceção de que a sua saúde e bem-estar depende da preservação do ambiente, deste modo: “A educação ambiental relaciona-se com a educação para a saúde, bem-estar e qualidade de vida – incluindo os cuidados com a preservação do ambiente. Manter a sala arrumada e limpa, cuidar do espaço exterior, não deitar lixo para o chão, etc..., fazem parte do quotidiano no jardim-de-infância. A educação ambiental pode também implicar uma observação e recolha de informação e até uma intervenção e recuperação do património natural e cultural. Este contacto com a natureza é, ainda, um meio de educação estética.” (OCEPE, 1997, p. 84) É essencial mostrar à criança desde tenra idade a importância de uma boa higiene oral e regras básicas que permitam que estas e outras intenções sejam possíveis de concretizar. Deste modo, nada melhor do que começar dentro da sala de atividade a promover esses hábitos. Deste modo, o papel do educador passa por sensibilizar, consciencializar e consecutivamente ajudar a criança a cuidar e a preservar o ambiente. O trabalho realizado com as crianças deve ser acompanhado da experiência direta da criança. Todo o processo de aprendizagem no jardim de infância deve ser:

- “Intuitivo: baseado na perceção direta ou imediata dos objetos, a partir da sua observação e manipulação;
- Indutivo: procede, gradualmente, do particular para o geral;
- Empírico: o seu fundamento central está na própria experiência;

- Paidocêntrico: estruturado a partir da perspectiva da própria criança;
- Lúdico: que utilize a atividade jogo, como elemento fundamental da aprendizagem.” (Enciclopédia de Educação Infantil – vol. II, p. 385).

De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança, nomeadamente no artigo 24 e 27, a criança tem o direito a ter um melhor estado de saúde possível e a beneficiar de serviços médicos. Os Estados devem dar especial atenção aos cuidados de saúde primários e às medidas de prevenção, à Educação em termos de saúde pública e à diminuição da mortalidade infantil. Neste sentido, os Estados encorajam a cooperação internacional e esforçam-se por assegurar que nenhuma criança seja privada do direito de acesso a serviços de saúde eficazes.

A criança tem direito a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Cabe aos pais a principal responsabilidade primordial de lhe assegurar um nível de vida adequado. O Estado tem o dever de tomar medidas para que esta responsabilidade possa ser, e seja assumida.

## **2.5. Percurso de aprendizagem em Jardim de Infância**

As primeiras semanas de intervenção foram um enorme desafio pessoal e profissional, na medida em que tive que saber organizar tarefas e concluí-las num determinado tempo. Nem sempre correu da forma esperada mas, de um modo geral, e de acordo com a opinião da educadora cooperante, as semanas correram dentro do previsto. Contudo, chamou a atenção para uma falha na preparação do material, com antecedência, para as atividades. As planificações foram ao longo dos dias sofrendo algumas alterações, quer ao nível das atividades quer ao nível da organização do grupo, uma vez que fui conhecendo o grupo e verificando as áreas com mais dificuldades e deste modo organizar as atividades consoante as suas capacidades para as realizar. Nas planificações foram sentidas muitas dificuldades e, ao início efetuaram-se diversas alterações. No final do estágio, começou o entendimento da funcionalidade das planificações foi reorganizado e as dificuldades ultrapassadas.

A primeira semana decorreu de acordo com o que tinha sido planeado com a educadora. Foi acordado a construção do mapa do tempo para a sala. Todos os dias, iniciava-se com a canção do “Bom dia” e com a contagem das crianças que, feita pelo “chefe” do grupo. Nesta contagem, abordamos o conceito menina/menino, a noção de quantidade (há mais meninas ou mais meninos?) e a contagem dos números. Na

primeira semana, foi realizada uma atividade em que as crianças mostraram muito interesse em fazer “desenhar e decorar o carrinho do vendedor de castanhas”. Esta atividade surgiu no seguimento de uma visita de um vendedor à escola. Na segunda semana, foi dado início ao tema da higiene oral, a partir da história “O amigo Dentinho”, com esta história, foram colocados alimentos à disposição das crianças, para que estas pudessem dizer quais os alimentos que podiam causar cáries. Este foi um trabalho que resultou bem porque as crianças também gostaram de fazer esta atividade.

Com o passar da semana iniciou-se um novo tema “A Família”. Neste tema foram realizadas diversas atividades, tendo ainda articulado com o Natal. Neste tema, solicitou-se a ajuda dos pais, para a realização da árvore genológica, solicitaram-se fotos do agregado familiar, para construir a casa de cada um e um gráfico do número de pessoas que constituem esse mesmo agregado.

Com a chegada do Natal, articulou-se o tema da família, tendo contado a história de um menino que se chamava Jesus. Realizou-se ainda a prenda de Natal e o respetivo postal para ser entregue a família pelas crianças.

Esta é uma profissão em que os dias são todos diferentes e apesar de prepararmos os dias com cuidado, estamos a trabalhar com e para as crianças, com necessidades e interesses muito próprios. Por isso, o sentimento é ambivalente porque por um lado há um desânimo com uma atividade que foi perspectivada com grande entusiasmo e, que na prática, não resultou tão bem. Por outro lado, quando há reformulação na atuação, vemos que dá resultado, há uma sensação de gratificação muito grande e vontade para continuarmos e para evoluirmos pedagógica e profissionalmente.

### 3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico – 1º e 2º Ano

#### 3.1. Enquadramento da Instituição

A Escola EB 1 situa-se na freguesia de Marvila, mais propriamente na Rua Colégio Militar, e tem como código postal 2000-230 Santarém.

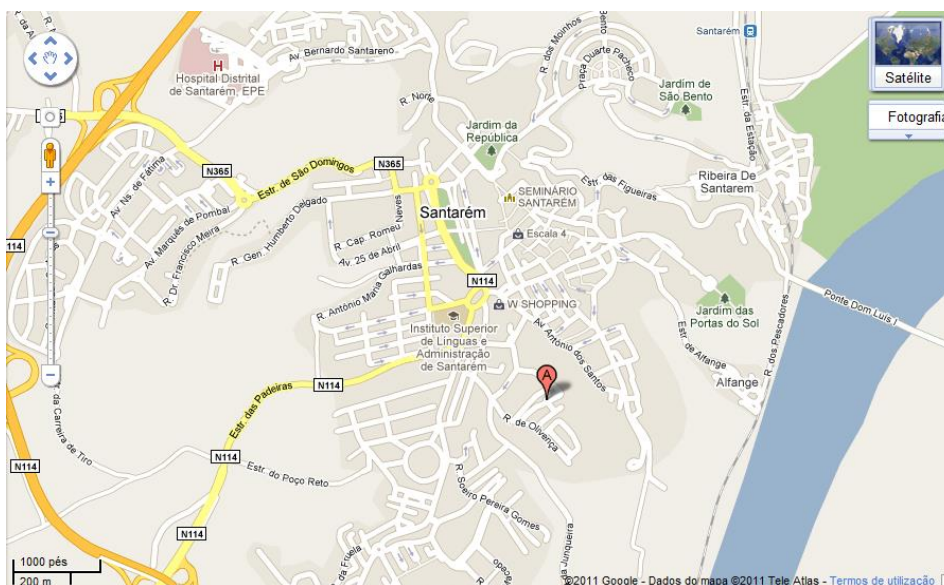


Figura 3 - Localização da Escola EB1

O local onde a escola se situa atualmente era ocupado por um campo de futebol denominado “Campo dos Leões”. A escola insere-se numa zona recente, na cidade de Santarém, sendo um bairro habitacional.

A Escola EB 1 é um estabelecimento escolar de ensino público, onde frequentam crianças em idade escolar do 1º ao 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, residentes no concelho de Santarém. Esta escola é constituída por crianças de várias nacionalidades, etnias e com Necessidades Educativas Especiais.

A escola foi edificada em 1984, tratando-se de um edifício de pequena altura, sendo construído em alvenaria.

O edifício é constituído por dois pisos que por sua vez composto por dois blocos independentes, designados por: a) bloco Nascente; e b) bloco Poente. Existe um pátio exterior com um pequeno parque infantil, mesas e bancos e uma zona de recreio ampla, vedada por uma rede.

A Escola é constituída por 12 salas de aula. As salas estão divididas por blocos, sendo que cada um possui dois pisos com três salas e uma zona comum.

No Bloco Poente, no rés-do-chão e primeiro andar, existem seis salas de aula

de ensino regular. No Bloco Nascente, no rés-do-chão, existe um polivalente, onde se realizam atividades na área das expressões, reuniões, convívios e festas, onde toda a comunidade escolar está envolvida.

Este espaço também pode ser utilizado pelos alunos, nos intervalos, nos dias de chuva. Ainda neste espaço, encontram-se a sala de professores, um gabinete de atendimento da terapia da fala, a reprografia, a cozinha, casas de banho e arrecadações. Nesta mesma zona, funciona uma sala de Recursos com metodologia TEACCH (Tratamento e educação de crianças autistas com problemas de comunicação) – Unidade de Ensino Estruturado, destinada a alunos com perturbação do espectro do autismo. Ainda nesta área, funciona a Biblioteca Escola/Centro de Recursos designada de BECRE.

A biblioteca destina-se a servir os interesses dos seus utilizadores: alunos, professores, funcionários e restante comunidade educativa. Existem vários livros, adequados às diversas idades; um espaço onde se realizam atividades, propostas pela docente bibliotecária, orienta a equipa de docentes/ funcionários a trabalhar na BECRE, que coordena este espaço; um computador que todos os utentes podem utilizar; e várias mesas, adaptadas às alturas das crianças, onde estas se podem sentar para lerem um livro. A escola, com este espaço, procura permitir o acesso à informação e utilização lúdica do conhecimento. O refeitório funciona num anexo, situado junto à cozinha, que foi inaugurado em 2007. *(Coelho, Beirante, Ricardo, Avelino, Lourenço, & Monteiro, 2011).*

A escola está equipada com um pátio de recreio, que possui uma grande área de terra batida, com algumas árvores, um pequeno parque infantil, mesas, bancos e um repuxo, no qual as crianças podem brincar livremente. Existe por fim, um pequeno campo de jogos, aberto a toda a comunidade e que poderá ser utilizado pelos alunos. Este encontra-se ao lado do recreio, separado por um muro.

O acesso a todas as zonas do edifício é possível ser feito pelo interior, através de corredores ou escadas de acesso. Assim, se estiver a chover as crianças não têm de se deslocar à chuva.

Relativamente às facilidades de acesso, verificámos a existência de uma rampa que dá acesso ao rés-do-chão do edifício, facilitando assim a mobilidade de crianças ou adultos portadores de uma cadeira de rodas.

É ainda de referir que as salas de aula se encontram equipadas com material tecnológico, nomeadamente, quadro interativo e um computador portátil, que os professores podem utilizar para proporcionar novas atividades e aprendizagens aos alunos.

### **3.2. Caracterização do grupo**

A turma, na qual decorreu o estágio, era composta por 20 alunos, sendo 8 destes do sexo feminino e 12 do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. Destes 20 alunos, só um não era de nacionalidade portuguesa, era de nacionalidade russa.

Nesta turma nenhum dos alunos estava a repetir o 2º ano de escolaridade e nenhum estava retido.

Em relação às atividades de enriquecimento curricular apenas nove alunos da turma as frequentava. Todos estes alunos frequentavam as mesmas atividades de enriquecimento curricular e todas as que existem no estabelecimento, a saber: música, inglês, atividade desportiva e apoio ao estudo. Estas atividades decorrem sempre entre as 15h45 e as 17h30.

Destes 20 alunos, 2 deles possuem necessidades educativas especiais, um com espectro do autismo e outro com multideficiência. Estes alunos vão à sala, pelo menos, uma vez por dia passando o resto do tempo letivo nas unidades respetivas. Apesar de apenas serem dois alunos a estarem ao abrigo do decreto de lei 3/2008, existe outro aluno com Síndrome de Asperger, mas que não está ao abrigo deste decreto, estando apenas referenciado no Projeto Curricular de Turma.

O Projeto Curricular de Turma tem como objetivo definir os problemas reais da turma e suas potencialidades, bem como estratégias para ultrapassar esses mesmos problemas.

De acordo com os problemas reais identificados e as potencialidades da turma, foram definidos os objetivos/metasp que o projeto se propõe a atingir. Os mesmos foram definidos de acordo com o Projeto Curricular de Agrupamento e estão organizados segundo três dimensões fundamentais: psicossocial, científico-pedagógica e organizacional.

Segundo a dimensão Psicossocial, o Projeto Curricular de Turma visa atingir os seguintes objetivos:

- Incentivar e desenvolver a cooperação com os outros, a autonomia, o espírito crítico e a responsabilidade;
- Desenvolver atitudes de autoestima, respeito mútuo e regras de convivência que conduzam à formação de cidadãos autónomos, participativos e civicamente responsáveis;
- Estimular o conhecimento e integração dos alunos em espaços mais amplos, designadamente em problemáticas de âmbito local e regional.

Segundo a Dimensão Científico-Pedagógica, os objetivos são os seguintes:

- Assegurar o domínio da Língua Portuguesa, enquanto suporte fundamental de comunicação e de expressão e do acesso ao conhecimento;
- Implementar um programa de estratégias de adequação das diferenças dos ritmos de aprendizagem de alunos;
- Promover a integração da Biblioteca/Centro de Recursos no processo de ensino-aprendizagem;

Por fim, os principais objetivos da Dimensão Organizacional são:

- Estimular na turma o trabalho em equipa de modo a fortalecer os seus laços sociais e os valores da cooperação.

Já os objetivos gerais do Projeto Educativo enquanto instrumento estruturante e orientador são:

- Criar um ambiente de formação propício ao sucesso, centrado nas crianças e/ou jovens e de acordo com diferentes situações de aprendizagem;
- Desenvolver, no aluno, capacidades habilitantes tais como: o espírito de iniciativa, a responsabilidade, o trabalho em grupo e a capacidade de adaptação à mudança;
- Valorizar a atividade docente, enquanto prática pedagógica assente numa grande margem de autonomia e iniciativa, que permita também ir ao encontro das necessidades culturais do grupo social existente na totalidade do agrupamento.

### **3.3. Caracterização da sala**

A sala é um espaço relativamente amplo e com bastante luz natural.

A sala está organizada por áreas facilmente identificáveis, com doze mesas e vinte e quatro cadeiras, que são o local de trabalho dos alunos, existe ainda uma mesa e uma cadeira para o professor. Existem vários armários, onde são guardados livros e cadernos dos alunos, dossiês dos professores, assim como materiais de uso corrente. Possui ainda um computador com ligação à internet, um quadro interativo e um quadro de giz.

O espaço está organizado para que, de qualquer ponto da sala seja possível o seu visionamento global, o que permite que o professor tenha uma supervisão das

tarefas de aprendizagem dos alunos. Os alunos, para além de poderem observar os colegas em atividade, têm também uma maior facilidade de se deslocarem na sala.

A sala possui um equipamento de aquecimento, que é essencial para o bem-estar das crianças. Existe também na sala um placar onde se expõem diversos cartazes, como o abecedário, os números, e alguns trabalhos realizados pelos alunos.

### 3.4. Projeto de intervenção

Durante o período de estágio, houve oportunidade de lecionar em todas as áreas curriculares, tendo menor incidência na área das expressões. Nas áreas das expressões o único conteúdo/tema trabalhado foi o Natal através da realização de um postal, da construção de símbolos do natal com rolhas de cortiça e de canções de Natal.

A tabela onde seguinte apresentará os temas/conteúdos lecionados divididos pelas respetivas áreas curriculares:

		<b>Áreas Curriculares</b>		
		<b>Matemática</b>	<b>Estudo do Meio</b>	<b>Língua Portuguesa</b>
<b>Conteúdos</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os números naturais – o número 700, o número 800;</li> <li>• Pictograma e Gráfico de pontos;</li> <li>• Estratégias da Adição;</li> <li>• Estratégias de Subtração;</li> <li>• A Multiplicação;</li> <li>• O Dobro;</li> <li>• Resolução de Problemas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família;</li> <li>• As Instituições;</li> <li>• Os Sentidos,</li> <li>• A Dentição;</li> <li>• A Higiene;</li> <li>• As Profissões;</li> <li>• Regras de Convivência Social;</li> <li>• Características dos Materiais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura;</li> <li>• Compreensão Oral;</li> <li>• O dia das Bruxas;</li> <li>• Escrita – A carta, o texto descritivo;</li> <li>• O S. Martinho;</li> <li>• Conhecimento explícito da Língua – Feminino/Masculino; Singular/Plural; Sinónimos/Antónimos.</li> </ul>

Quadro nº 1 – Temas e conteúdos lecionados

Ao longo deste período de estágio, foi dada primazia aos conhecimentos prévios dos alunos através de uma exploração prévia do tema, de imagens que acompanhavam o mesmo e de questões para posteriormente explora-lo, partido dos conhecimentos dos alunos. Este método era também uma forma de diferenciação

pedagógica, pois desta forma conseguia perceber quais os alunos que já possuíam alguma informação acerca do tema.

Apesar da tentativa de efetuar uma diferenciação pedagógica através de perguntas para conhecer os conhecimentos que os alunos já tinham, percebeu-se quais eram os que tinham mais dificuldades. Foi dado tempo extra aos que demoravam mais tempo na realização das tarefas e o tratamento foi feito do mesmo modo, nunca fazendo qualquer tipo de distinção.

Em relação às metodologias usadas, só houve oportunidade de utilizar o manual a pedido da professora cooperante, e a algumas fichas de consolidação de conceitos, realizadas com o par de estágio.

A organização da turma, foi inicialmente difícil. Por apenas lecionar de tarde e estar sem o meu par de estágio, foi complicado organizá-los para posteriormente dar a aula. Mas, ao longo do tempo, este processo foi-se tornando mais fácil.

Já para planificar e organizar o trabalho, a planificação foi feita segundo o horário da turma. A organização do trabalho foi-se alterando com o tempo, mais concretamente a estrutura da planificação.

A relação com as crianças foi positiva porque houve respeito, obediência e carinho. Este fator favoreceu a prática, pois houve à vontade com as crianças e tranquilidade, mesmo quando fui supervisionada.

A ansiedade e nervosismo nunca foram demonstrados às crianças, pois houve uma tentativa de se ser natural e de ouvir sempre as crianças.

Durante o estágio não foi realizado nenhum tipo de avaliação sumativa com os alunos, nem qualquer tipo de registo da avaliação. Apenas avaliou-se conhecimentos através da correção das fichas, da resolução de exercícios, que realizaram, quer oralmente, quer por escrito, dos trabalhos de casa e de questões colocadas acerca da matéria dada e de diálogos sobre os temas abordados.

Durante este processo, sempre houve um envolvimento dos alunos, nomeadamente enquanto se efetuava a correção dos exercícios e enquanto realizavam exercícios nas aulas. Este envolvimento requeria que os alunos explicassem como pensavam, como realizaram os exercícios, questionando acerca do modo como tinham respondido e solicitando que eles efetuassem uma autocorreção de modo a perceber onde erraram. Este tipo de avaliação foi muito importante na medida em que ajudou a refletir acerca da prática e dos conhecimentos que deveriam ser abordados por existirem dúvidas, assim como a metodologia aplicada para que eles esclarecessem as suas dúvidas.

### **3.5. Percurso de aprendizagem em 1º Ciclo do Ensino Básico – 1º e 2º Ano**

Terminado este passo importante, estágio, e desafio com tudo o que envolve, é feita uma reflexão do período, das intervenções e dos objetivos atingidos. Com inovação e com gosto de criar um caminho próprio e sorriso e calma estampados no rosto, pretende-se que a luta seja permanente pelas convicções e desejos intrínsecos.

Agrada dizer “missão cumprida”. O que foi começado há já algum tempo estará sempre a evoluir, mas tal não será possível pois a aprendizagem está em permanente desenvolvimento. O dever foi cumprido e de facto houve um enriquecimento pessoal e profissional.

O estágio decorreu dentro da normalidade, mas alguns fatores condicionaram de forma menos positiva o desempenho do meu estágio, isto devido a eu ser trabalhadora estudante e ter a responsabilidade de também preparar trabalho. Foram umas semanas de um trabalho acrescido, visto que preparar dois trabalhos tão diferentes não era fácil. Mas a elevada motivação, o empenho, o espírito de sacrifício levaram a conseguir atingir os objetivos definidos. Esta “condicionante” foi um obstáculo positivo, ultrapassável, mas esgotante psicologicamente.

A fase de transição de estagiários/observadoras, para estagiários/participantes, é crucial, porque ganham-se os pré-requisitos necessários para poder, mais tarde, ter capacidades para assumir por completo e, sem condicionantes, uma turma de alunos do 1º Ciclo. A vontade de participar ativamente numa turma era intensa e motivadora.

Tenho que confessar que estava bastante calma, muito à vontade e sem qualquer tipo de medos ou apreensão. A minha vontade de participar ativamente numa turma era muita.

Quando se abraça um curso e, futuramente, a profissão de Professor de 1º Ciclo, o principal objetivo é participar ativamente logo de início no estágio, mantendo um contacto direto, e ativo com as crianças/alunos.

Num primeiro momento, é necessário conhecer o grupo e certos conceitos que são necessários para haver uma progressão de conhecimentos, nomeadamente os pré-requisitos necessários para passar à etapa seguinte.

A escolha desta Escola foi feita pelos supervisores, mas foi uma escola que suscitou curiosidade logo de imediato.

Analisando a sala, onde foi realizado estágio, surgem três premissas: completa, quente de calor humano e com muita alegria.

Relativamente à professora cooperante importa referir que é uma profissional

humana e dedicada, atenta, carinhosa, exigente, mas acima de tudo amiga e educadora. Educadora porque, para além de ensinar, educava cada criança, cada aluno.

Há um sentimento de aprendizagem partilhada, comum e dedicada.

Por último, o grupo de crianças era interessado e atento a tudo de novo. Era exatamente esse objetivo: saciar a sede de conhecimento de cada um dos alunos. Esse objetivo foi conseguido com sucesso na inovação da prática pedagógica.

Para finalizar, refiro que houve conhecimento das práticas utilizadas no 1º Ciclo, a capacidade de trabalhar com um grupo de alunos e na realização de atividades conducentes com o grau de ensino a lecionar.

Este estágio foi planeado ao pormenor, toda a minha passagem ao longo destes meses.

Enquanto aluna consideramos muito importante a realização de uma reflexão, uma vez que me permite refletir criticamente o trabalho desenvolvido.

Ao logo do estágio senti a importância de construir um relatório o que permitiu desenvolver capacidades como: planificar, pensar criticamente, reformular, avaliar e aceitar críticas, capacidades essenciais para a minha formação como futura educadora/professora, assim como, profissional confiante e responsável.

## **4. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico – 3º e 4º Ano**

### **4.1. Enquadramento da Instituição**

A escola insere-se numa zona recente, na cidade de Santarém, sendo um bairro habitacional conhecido por São Domingos. A Escola EB 1/JI é um estabelecimento escolar de ensino público, onde frequentam crianças em idade escolar do 1º ao 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Jardim de Infância, residentes no conselho de Santarém. Esta escola é constituída por crianças de várias nacionalidades, etnias e com Necessidades Educativas Especiais. O edifício é constituído por dois pisos, encontrando-se no piso inferior o Jardim de Infância, o 1º ano de escolaridade e o refeitório, e no piso superior, encontram as restantes salas do 1º Ciclo. Existe um pátio exterior com um pequeno parque infantil, campo de futebol e basquetebol, bancos e uma zona de recreio ampla, vedada por uma rede. Este edifício é também constituído por uma biblioteca, sala de professores e refeitório. A biblioteca destina-se a servir os interesses dos seus utilizadores: alunos, professores, funcionários e restante comunidade educativa.

Existem vários livros adequados às diversas idades, e um espaço onde se realizam atividades propostas pela docente bibliotecária. A escola, com este espaço, procura permitir o acesso à informação e utilização lúdica do conhecimento.

O acesso a todas as zonas do edifício é possível ser feito pelo interior, através de corredores e escadas de acesso. Assim, se estiver a chover, as crianças não têm de se deslocar à chuva. É ainda de referir que as salas de aula se encontram equipadas com material tecnológico, nomeadamente, quadro interativo e um computador portátil, que os professores podem utilizar para proporcionar novas atividades e aprendizagens aos alunos.

### **4.2. Caracterização do grupo**

A turma, na qual decorreu o estágio, era composta por 20 alunos, sendo 8 destes do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os oito e os onze anos, todos de nacionalidade portuguesa. Nesta turma nenhum dos alunos estava a repetir o 3º ano de escolaridade, mas já tinham ficado retidos em anos anteriores. Em relação às atividades de enriquecimento curricular, apenas treze alunos

da turma as frequentava. Todos estes alunos frequentavam as mesmas atividades de enriquecimento curricular e a saber: a música, o inglês, a atividade desportiva e o apoio ao estudo. Estas atividades decorriam sempre entre as 15h45 e as 17h30. Destes 20 alunos, um deles possui Necessidades Educativas Especiais, com hiperatividade e Défice de atenção e concentração. Este aluno está sempre na sala de aula, com uma Professora de Apoio duas vezes por semana. É uma turma com alunos repetentes e, com algumas dificuldades de aprendizagem, devido à falta de concentração.

### **4.3. Caracterização da Sala**

Na sala, podemos encontrar secretárias e cadeiras em número suficiente para o número de alunos, bem como para os docentes que os acompanham. Existem dois quadros: um quadro de giz e um quadro interativo. Possui ainda um computador com ligação à internet. Existem vários armários, onde são guardados livros e cadernos dos alunos, dossiers dos professores, assim como materiais de uso corrente.

O espaço está organizado para que, de qualquer ponto da sala, seja possível o seu visionamento global, o que permite que o professor tenha uma supervisão das tarefas de aprendizagem dos seus alunos e do que o rodeia na sala. Os alunos para além de poderem observar os colegas em atividade, têm também uma maior facilidade de se deslocarem na sala.

### **4.4. Projeto de intervenção**

Durante o período de estágio houve oportunidade de lecionar em todas as áreas curriculares, tendo menor incidência na área das expressões. Nas áreas das expressões, surgiu a oportunidade de intervir na área da expressão físico-motora lecionando uma sessão da mesma.

A primeira semana foi de observação da turma e recolha de informação acerca da mesma.

Apresenta-se de seguida uma tabela com os temas/conteúdos lecionados divididos pelas respetivas áreas curriculares:

<b>Áreas Curriculares</b>			
<b>Conteúdos</b>	<b>Matemática</b>	<b>Estudo do Meio</b>	<b>Língua Portuguesa</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Área;</li> <li>• Perímetro;</li> <li>• Geometria construção;</li> <li>• Figuras geoplano;</li> <li>• Estatística.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A agricultura;</li> <li>• Os objetos;</li> <li>• As atividades económicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita criativa;</li> <li>• Conhecimento explícito da língua – determinantes e verbos;</li> <li>• Expressão Oral, Leitura e Escrita – ditado.</li> </ul>

Quadro 2 – Áreas Curriculares

Ao longo deste período de estágio, houve uma tentativa de conhecer os conhecimentos prévios dos alunos, através de uma exploração prévia do tema, de imagens que acompanhavam o mesmo e de questões para posteriormente explorá-lo. Este método foi também uma forma de diferenciação pedagógica, pois conseguiu-se perceber quais os alunos que já possuíam alguma informação acerca do conteúdo a lecionar.

Foram feitas atividades com a intenção de se realizar uma diferenciação pedagógica através de perguntas que se realizaram para conhecer os conhecimentos que os alunos já tinham, perceber quais aqueles que tinham mais dificuldades, tentar sempre esperar por aqueles que, por vezes, demoravam mais tempo na realização das tarefas e fazer qualquer tipo de distinção.

Em relação aos recursos usados, houve oportunidade de diversificar as mesmas através da criação de fichas, da utilização do manual, da criação de power-points com jogos, entre outros recursos.

A organização da turma foi um processo natural e simples, que ao longo do tempo foi evoluindo, ou seja, ao longo do tempo fui conhecendo os alunos e desta forma fui melhorando a organização da turma. Tentou-se não alterar as regras e as rotinas do professor cooperante, considerado como um fator vantajoso.

Para planificar e organizar o trabalho, obedecemos ao horário da turma.

A relação com as crianças foi muito boa, com respeito, e carinho, quer fosse um momento de lecionar, ou não. Este fator favoreceu a prática, pois houve um sentimento de à vontade com as crianças, onde reinou a calma, a tranquilidade, mesmo na supervisão.

Durante o estágio, foi realizada qualquer tipo de avaliação sumativa com os alunos, nem qualquer tipo de registo da avaliação. Apenas avaliou-se os conhecimentos através da correção das fichas, das resoluções dos exercícios, quer

oralmente na sala, quer por escrito, nos trabalhos de casa, e em questões colocadas acerca da matéria dada e de diálogos sobre dos temas abordados.

Durante este processo, houve um envolvimento com os alunos, correção das fichas, dos exercícios e enquanto realizavam exercícios nas aulas. Este envolvimento requeria que os alunos explicassem como pensaram, como realizaram os exercícios, questionando acerca do modo como tinham respondido e efetuando uma auto-revisão e uma heteroavaliação.

Este tipo de avaliação foi muito importante na medida em que ajudou a refletir acerca da prática e dos conhecimentos que deveriam ser abordados novamente por existirem dúvidas, assim como uma, mudança na metodologia, caso existissem dúvidas.

#### **4.5. Percurso de aprendizagem em 1º Ciclo do Ensino Básico – 3º e 4º ano**

Terminado este passo importante e este teste difícil que foi o estágio e tudo que ele envolve, é com nostalgia que será aqui lembrado, principalmente de como correu, quais os objetivos pessoais e tudo que achar relevante para que possa refletir o que foi os meses de estágio. Confesso que me deu bastante alegria realizar este estágio, visto ter aprendido muito e ter realizado uma atividade com a professora Raquel Santos na área da matemática, área pela qual sou apaixonada. Sendo inovadora e gostando de “entrar de cabeça”, não gosto de ir atrás de ninguém, gosto de criar o meu próprio caminho, recebendo os louros, se os houver, da mesma maneira que receberei as críticas, sempre de sorriso e calma estampada no rosto. Pretende-se fazer pela diferença, talvez pelo facto de querer e lutar pelo que acredito e quero.

Com a aproximação do estágio, surgiu alguma expectativa e ansiedade para saber qual a escola e qual o ano de escolaridade, a observar e a lecionar. A atribuição do local de estágio foi efetuada aleatoriamente. O estágio aconteceu numa turma de 3º ano de escolaridade constituída por 20 alunos, tendo um deles Necessidades Educativas Especiais. Embora sendo portador de uma Necessidade Educativa Especial, este aluno estava presente na sala de aula todo o dia, acompanhando a turma, tendo momentos pontuais com uma professora de ensino especial. Este aluno integrou a turma no ano anterior devido ao seu comportamento. Este aluno está bem incluído e uma boa relação entre toda a turma, todos os alunos o ajuda. Na primeira

semana de estágio, efetuou-se a observação. Nesta semana, observou-se quais os métodos utilizados pelo nosso cooperante, para dar seguimento ao método a seguir. Estabeleceu-se contacto com a turma e conheceram-se as suas dificuldades. A integração na comunidade escolar foi muito positiva, com funcionários, professores e alunos. O relacionamento com o professor foi também muito positiva. A relação com os alunos foi precisa, sendo uma turma com muito respeito por todos os estagiários e figuras de autoridade. Quando o comportamento dos alunos começava a piorar recorreu-se à tabela do comportamento, sendo esta muito utilizada pelo professor. Trata-se de uma boa estratégia. Esta tabela funcionava com “smiles” de várias cores, verde, amarelo, vermelho e preto, sendo o preto o pior comportamento, o vermelho mau, o amarelo razoável e o verde bom. Esta escala funcionava da seguinte forma: quando o aluno era avisado três vezes, colocava-se uma cara amarela e à medida que ia sendo avisado, o “smile” ia piorando de cor, podendo chegar até mais do que um “smile” preto. Quando passou-se dos avisos à implementação dos “smiles”, os alunos ficaram mais calmos, não estando tão agitados.

A intervenção pedagógica foi realizada de forma diferente, em relação ao estágio anterior. Este ano conseguiu-se intervir de duas formas diferentes, no estágio anterior eu só tinha feito intervenção da parte da manhã e o meu par de estágio da parte da tarde, neste fizemos a semana e durante todo o período letivo. Com isto, compreendeu-se as diferenças existentes entre trabalhar durante todo o dia com os alunos ou só trabalhar durante o período da manhã. Foi notório que os dias são mais produtivos e eficazes, porque deste modo conseguimos começar um trabalho e concluí-lo sem pressão do tempo. Em termos de planificações, também surgiu uma grande diferença, tornou-se mais fácil esta tarefa, porque com os estágios anteriores já tinha esta vertente desenvolvida. Na semana de intervenção, houve maior segurança, os alunos estavam calmos e adoraram ter estagiárias. O professor cooperante também colaborou e foi uma pessoa muito presente no decorrer do trabalho, dando o seu feedback permanentemente.

Durante a intervenção, a unidade curricular onde houve mais dúvidas foi no Português e, por isso foram feitas pesquisas sobre os conteúdos com uma preparação mais pormenorizada dos textos para acontecer uma boa intervenção pedagógica. Na área da Gramática, conhecimento explícito da língua, foram feitas pesquisas em diversas Gramáticas, para combater dúvidas e analisar as respetivas alterações com o novo acordo, apoiei-me em livros relacionados com o novo acordo e li as explicações sobre esse tema. Estas dúvidas surgem devido ao facto de ser a unidade curricular, onde tenho mais dúvidas em como arranjar estratégias e por isso surgem mais em relação à escrita. Surgiram dificuldades em atividades para combater alguns erros de

escrita dos alunos, tendo colocado os alunos a ler mais e fazer diversos ditados para combater as lacunas ortográficas. Também realizaram textos de escrita criativa, para posteriormente serem corrigidos e passados a limpo para verem onde erraram. Realizaram-se algumas atividades mais práticas, quer na matemática, quer no estudo do meio e este fez com que os alunos ficassem mais interessados, por serem aprendizagens lúdicas. Realizaram-se diversas atividades experimentais na área do Estudo do Meio, como por exemplo, para que servem as roldanas, os cuidados a ter com materiais, entre outras, que eles poderiam mexer e experimentar e ver os riscos, os cuidados e para que eram utilizadas. Na área da Matemática, realizaram-se atividades práticas, como utilizar o geoplano para a leitura de áreas e perímetros. Com estas atividades experimentais, verificou-se que os alunos se encontravam mais atentos e curiosos para aprender novos conteúdos. Criaram-se PowerPoint com a matéria resumida e exercícios da mesma.

Um dos aspetos que me levantou questões foram os consecutivos erros ortográficos, inclusivamente nas cópias, bem como a dificuldade dos alunos em responder as perguntas de textos que não estão explícitas, ou seja, se a resposta não estiver clara no texto, torna-se difícil para eles conseguirem responder. Outra questão deve-se ao facto de existirem vários ritmos de aprendizagem e de existirem alunos que não conseguem acompanhar a turma e que, por isso, levam sempre inúmeras tarefas para casa por não terem concluído na sala de aula. Na minha opinião, esta atitude pode não ser a correta e levar o aluno a uma frustração. Penso que o aluno deve ser incentivado e motivado a conseguir concluir o trabalho ainda no decorrer do período letivo.

Para colmatar este conjunto de situações, houve uma tentativa de motivação e de interajuda para ultrapassar dificuldades e consequente distração, para isto chamei a atenção aos alunos para a importância de se estar atento na aula para deste modo conseguirem concluir as tarefas no tempo solicitado.

Nesta escola foi notória uma grande diferença relativamente aos materiais, pois na escola anterior usavam exclusivamente o manual e usam os livros de consolidação de conceitos como fichas de avaliação mensais. Neste estágio os professores faziam as fichas consoante aquilo que achavam que os alunos tinham mais ou menos dificuldades.

Na área da Matemática foram trabalhadas medições de grandezas em unidades Sistema Internacional, usando instrumentos adequados às situações. Os alunos compararam, ordenaram e fizeram estimativas de medidas de diversas grandezas. Relacionaram os múltiplos e submúltiplos do metro, com leitura de medidas de comprimento e resolução de problemas. Trabalharam também o cálculo

do perímetro de polígonos e determinação, de modo experimental, o perímetro da base circular de um objeto. Posteriormente, utilizaram identificação da moda e a mediana num conjunto de dados, com a construção de um inquérito coletivo.

Na área de Estudo do Meio, fez-se o levantamento dos principais produtos agrícolas da região e o seu ritmo de trabalho ao longo do ano, identificaram-se alguns perigos para o homem e para o ambiente com o uso dos produtos químicos. Identificou-se ainda alguns fatores naturais que influenciam a agricultura, técnicas utilizadas na mesma. Utilizou-se um PowerPoint com explicação e exercícios de consolidação.

Na área do Português reforçou-se a escrita, onde muitos alunos tinham dificuldade. Com a leitura em voz alta para toda a turma, para ultrapassar as dificuldades de ler em público. Produziram vários textos, de modo a trabalhar a escrita, os erros e a criatividade, reforçando a área gramatical e a interpretação de textos.

Relativamente aos textos que produziram, neles exprimiram toda a sua criatividade, não tendo sido colocado qualquer entrave para a construção dos mesmos. Em conjunto, aprendemos e adquirimos conhecimentos em todas as atividades realizadas e em todas as aulas. Combateram-se diversas dificuldades a nível do Português, já referidas anteriormente e importa referir que este é um trabalho muito exigente e que obriga a uma enorme responsabilidade, dedicação e empenho.

É relevante mencionar que todo o trabalho foi feito em articulação como professor cooperante.

Reforça-se a importância deste estágio, uma vez que foram colocadas em prática todas as aprendizagens adquiridas na licenciatura. As metas estabelecidas foram atingidas, entre as quais, ter conhecimento das práticas utilizadas no 1º Ciclo, ter a capacidade de encarar um grupo de alunos, realizar atividades conducentes com o grau de ensino a lecionar, ser boa profissional, ganhar experiência, ser inovadora e, acima de tudo, ter consciência das capacidades intrínsecas como profissional.

## **2. Percurso do desenvolvimento pessoal e investigativo**

Os estágios foram muito enriquecedores e de superação de dificuldades sentidas, nomeadamente no investimento ao nível da preparação prévia dos conteúdos a abordar e encontrando outras estratégias. Todos os estágios foram enriquecedores e foram também um bom complemento aos estágios anteriores, por serem em diferentes níveis de ensino e com características tão distintas, capacitaram quem pretende evoluir e progredir. Aprende-se muito em tão pouco tempo sobre a prática pedagógica e, por vezes, o tempo é escasso para criar elos de ligação com os alunos/professores. Trata-se de um momento de adaptação e é preciso ser resiliente, nomeadamente face a situações inesperadas.

As planificações foram evoluindo, principalmente na criação de estratégias, embora a pouca experiência permita sentir algumas dificuldades, tais como a organização dos temas, quais os objetivos e as estratégias para determinado tema. Associado a isto, há também o receio de cometer erros que possam, de algum modo, comprometer as aprendizagens dos alunos. A planificação é o instrumento onde o professor define a prioridade educativa, clarifica e gere as opções com que se depara, não podendo a planificação ser estática, pois a mesma deve ir sendo adequada às necessidades com que se vai deparando. Como principal instrumento de trabalho e de intervenção, caso não esteja bem construída dificulta o trabalho do docente e pode comprometer, como referi, as aprendizagens dos alunos. Sem a existência de uma prática pedagógica e com uma planificação mal elaborada não se pode ter uma intervenção correta, no entanto, por vezes consegue-se a intervenção possível e não a planificada. Ainda há um longo caminho porque planificar é estabelecer o que se pretende ensinar, saber gerir o tempo para cada conteúdo e prever as estratégias para a promoção de aprendizagens efetivas. Sempre que necessário deve de ser reajustada, ou, até mesmo, posta de parte caso se sinta necessidade disso.

De uma forma geral, os alunos atingiram os objetivos previamente definidos nas planificações, mas foi notório a facilidade de atingir objetivos, numa das turmas. Nesta referida turma houve a exceção de alguns alunos que aparentam ter mais alguma dificuldade de aprendizagem e de concentração, com os quais é preciso fazer um trabalho mais individualizado, tais como, aulas extra de apoio ou uma pedagogia diferenciada.

Desde o início da formação profissional que a avaliação e a importância do processo avaliativo tem vindo a ser referido como fundamental no decorrer de todo este processo formativo, quer como aluna, quer como futura docente. Neste processo, enquanto futura docente, considera-se que a avaliação servirá, para além de avaliar os

próprios alunos, sobretudo para avaliar o desempenho do professor em relação à turma. No decorrer do processo avaliativo devemos ter a capacidade de ir verificando se os alunos estão a efetuar aprendizagens significativas e até que ponto as estratégias ou metodologias que estamos a utilizar estão adequadas às diferentes especificidades dos alunos. Caso não se verifiquem estar a ser eficientes, devemos rever e reestruturar as estratégias, de modo que se possam atingir os objetivos pretendidos. Apesar de terem sido criadas algumas grelhas de avaliação, a sua aplicação não aconteceu em todas as aulas, por vezes, por esquecimento ou talvez por inexperiência. Porém, esta lacuna foi sendo trabalhada no decorrer dos três estágios.

Para a elaboração destas grelhas, foram consultadas grelhas disponibilizadas pelas editoras, que foram adaptadas às necessidades dos alunos. Estas grelhas, para além de servirem para acompanhar o desempenho dos alunos, serviram também de motivação e de sentido de responsabilização, pois os alunos assim sabiam que tinham feito os trabalhos de casa bem como a sua correção; a participação nas aulas; o empenho na realização das tarefas propostas e o comportamento.

Para além das grelhas ainda existiram as fichas de avaliação, bem como grelhas e critérios de correção e a participação ativa na elaboração e correção das fichas de avaliação. Estes são instrumentos fundamentais neste percurso enquanto estagiária, pois permitem evoluir enquanto profissional. Algumas das dúvidas/questões que surgiram foram ligadas à planificação, desde a sua execução à sua aplicação, outras, a receios e inseguranças, que não se chegaram a concretizar, pois foram ultrapassáveis com trabalho, pesquisas e empenho. Para ultrapassar estas e outras dificuldades, o apoio das educadoras/professoras cooperantes de todos os estabelecimentos de ensino, bem com das equipas de professores supervisores da Escola Superior de Educação de Santarém, foi fundamental e crucial ao desempenho pedagógico.

Ao longo dos estágios e até no meu local de trabalho, fui-me deparando com diversas crianças de idades e níveis sociais diferentes, e sempre me suscitou de como as crianças podem vir a superar limites, enfrentar desafios, tragédias, ameaças, saber lidar com a dor, a tristeza e até mesmo os traumas emocionais.

O objetivo geral desta análise é a resiliência nos processos educativos e na aprendizagem da criança em contexto pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Os objetivos específicos a investigar é o conceito de resiliência; o compreender como a formação do educador influencia ou não na relação dele com o aluno; a resiliência em crianças pequenas e como promover a resiliência em ambiente escolar.

## Capítulo II – Trabalho de Pesquisa

### 1. Objetivos da pesquisa

A problemática referida neste estudo resulta das vivências proporcionadas no decorrer dos períodos de estágio efetuados ao longo de ano e meio, divididos em três semestres, tendo tido como objetivos: identificar qual o significado de resiliência nos processos educativos para os educadores/professores e se saber a resiliência pode ser trabalhada em contexto educativo.

A resiliência na relação pedagógica professor e aluno faz-se da importância para compreender o lidar com as dificuldades psicossociais do cotidiano da sala de aula.

As práticas pedagógicas sobre problemas psicossociais, na sala de aula, podem estar relacionadas com resiliência, como o conhecimento do professor pode contribuir para a superação de conflitos com toda propriedade pedagógica.

Ao longo deste percurso formativo, verificou-se que os alunos têm dificuldades em lidar com problemas, superar obstáculos ou de resistir à pressão de situações adversas (por exemplo a morte de um dos pais, dificuldades financeiras ou ter sido vítima de desastre natural) podem afetar o desenvolvimento de algumas crianças. No entanto, a maioria delas pode superar bem as situações adversas por serem resilientes. Resiliência é ser capaz de se adaptar às circunstâncias difíceis de uma forma positiva. Um aspecto (por exemplo, escola) podem ter dificuldades em outro (por exemplo, conviver com os pares). Assim, julga-se de extrema importância, para o sucesso do ensino, que se passe da teoria à ação, onde todos os intervenientes neste processo de ensino/aprendizagem teriam a ganhar com o aumento da confiança, autoestima e capacidade em lidar com diversos obstáculos que lhe vão aparecendo na vida da criança. Foi através da procura por aprofundar mais o conhecimento sobre resiliência e, fazer uma reflexão sobre a mesma, que surgiram as questões que irão orientar este trabalho e os objetivos subjacentes.

A grande questão deste estudo é a influência da Resiliência nos processos educativos e na aprendizagem da criança em contexto pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

As sub-questões que orientaram esta pesquisa foram:

- O que entendem os educadores/professores por resiliência?
- Como é que a concretizam na prática?

- Como é que questões inerentes afetam o processo de aprendizagem?

Partindo destas questões orientadoras, surgiram para estudar a opinião dos educadores/professores sobre o conceito “resiliência”:

- Como a definem?
- Como a praticam?
- Dificuldades?

## **2. Conceito de Resiliência**

A resiliência tem a ver com a capacidade de um indivíduo para ultrapassar os traumatismos e construir-se apesar das feridas (Anaut, 2005).

Enfatiza-se a capacidade da criança procurar os seus próprios recursos e sair fortalecido das adversidades. Na realidade, inferimos da nossa prática, que existem várias formas de lidar com as adversidades que se nos deparam ao longo da nossa vida, e, se há pessoas que ultrapassam os obstáculos e as dificuldades conseguindo demonstrar uma adaptação, por outro lado, há pessoas que não as conseguem ultrapassar de forma adequada desenvolvendo vários traumas.

Resiliência como uma variação individual em resposta ao risco (...) os mesmos stresses podem ser experienciados de formas diferentes por diferentes pessoas, define Rutter. 1987.

No entanto, Silva (2006) citando Tavares (2001), refere que a resiliência é a capacidade das pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perderem o equilíbrio inicial, ou seja, à capacidade de acomodarem-se e reequilibrarem-se constantemente. O mesmo autor menciona que o desenvolvimento de capacidade de ser, estar, ter, poder e querer, ou seja, pela sua capacidade de autorregulação e autoestima.

Sachuk e Canguss (2009) citando Muniste e Mabel (1998), descreve que o conceito de resiliência desenvolve-se basicamente em três fases: inicialmente esteve associado ao conceito de vulnerabilidade, depois com a capacidade de resistir à afronta, e, por último, a denominação foi adotada para identificar pessoas com capacidade de construção positiva frente à adversidade.

Os mesmos autores, em (2009), citando Frank, (1997), afirmam que e há algo que possibilita ao ser humano conservar a sua dignidade, mesmo diante do insuportável, a liberdade interior. Essa liberdade interior é que permite ao ser humano obter realizações subjetivas, mesmo quando o ambiente exterior se apresenta hostil e estéril.

### **2.1. A resiliência em crianças pequenas**

Por vezes, pensamos que devido à idade das crianças pequenas, elas não entendem o que acontece em se redor. Mas, durante a primeira infância, elas desenvolvem as suas habilidades de linguagem e expressão, e, por isso, nem sempre

são capazes de comunicar o que estão a sentir na realidade.

As crianças, mesmo em bebés já absorvem o impacto de eventos graves, brigas, acidentes e até mesmo conversas tensas que acabam por ouvir.

Como perceber, então, se uma criança está ansiosa ou assustada?

Temos que reparar em sinais que indiquem o mal-estar dela, por exemplo a carência (a criança anda mais atrás do adulto, exige mais colo, beijos e abraços); a regressão em alguns comportamentos (de repente deixou de ir a casa de banho sozinha, voltou a usar chupeta), tudo isto mostra que a criança está a passar por dificuldades.

Nestas alturas, a escola e a família devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente de segurança para a criança. A rotina é fundamental neste processo, faz com que os pequenos sintam mais controle, uma vez que já entendem o que irá acontecer durante o dia, assim podem planear as suas próprias ações. Devemos reservar tempo para conversar e ouvir as crianças, desenvolver brincadeiras e leituras que as façam sentir incluídas.

Segundo alguns autores, nomeadamente Yunes e Araújo além de oferecermos tempo e carinho, há uma série de maneiras de cultivar a resiliência numa turma de Educação Pré-Escolar.

O elogiar esforços, garantir um ambiente em que as crianças sejam reconhecidas por seu trabalho duro e dedicação, não apenas pelo sucesso. Reforçar que falhar faz parte da aprendizagem e não um motivo de vergonha. Ajudar as crianças a refletir sobre o seu trabalho, dizendo o que mais gostaram nas suas atividades e o que poderiam melhorar.

A construção da autoestima, isto é, não refazer o trabalho das crianças na procura de um trabalho “perfeito”. Por exemplo, se um aluno está feliz por pentear o cabelo sozinho, não pegue na escova e penteie-o novamente.

Não se deve entrar em pânico, exemplo se uma criança cair por tentar subir a uma árvore, simplesmente fique a ver, espere e deixe que ele aprenda sozinho. Se tivermos que auxiliar não devemos tomar controlo da situação, devemos falar calmamente e diminuir o susto.

Devemos apresentar modelos, podemos contar histórias de heróis e heroínas que superaram adversidades e usar narrativas para iniciar discussões com a turma. Incentivar as crianças a dividir as suas próprias histórias, tornando-as capazes de resolver os seus problemas.

## 2.2. Definir resiliência em crianças de idade pré-escolar e 1º Ciclo

Hoje assume-se que o direito a uma educação pré-escolar é para todas as crianças e reconhece-se o seu papel determinante no início de um processo de educação que se desenvolverá ao longo de toda a vida.

Segundo Tavares (2001), ficamos com a noção de que uma boa experiência de educação pré-escolar, para além das vantagens na transição para a escolaridade básica e nos processos de socialização da criança tem, a longo prazo, efeitos positivos na prevenção do abandono escolar, da exclusão social, na prevenção de delitos na juventude ou idade adulta, do abuso de drogas. Embora a inserção positiva da criança no 1.º Ciclo da escolaridade básica seja um dos objetivos da educação pré-escolar, estudos mais recentes apontam para um número, muito mais amplo de competências, à frente das quais se encontra a capacidade de aprender a aprender. Em seguida, surgem as competências sociais de cooperação, isto é, a capacidade de a criança se inserir num grupo de pares e de cooperar com eles no desenvolvimento de tarefas comuns.

Para atingir estas competências as crianças devem demonstrar a capacidade de fazer amigos e de serem aceites no grupo de colegas e é no pré-escolar que se iniciam as grandes amizades e se aprende a cooperar.

Uma criança com baixa autoestima dificilmente se interessa pelos processos de aprendizagem mais elaborados que lhe vão ser exigidos. Criar situações em que a criança ganhe autoconfiança, se descubra a si própria como capaz de exercer o seu poder sobre as coisas e os objetos e, mesmo, sobre as situações de modo a modificá-las, é o papel da experiência pré-escolar.

A capacidade de *autocontrolo* é uma competência básica para a inserção no 1.º Ciclo. Quer nas interações sociais que desenvolve, quer nos processos de gestão das atividades em sala de aula, a criança precisa de domínio pessoal, de concentração, de estar atenta aos outros, de prescindir da satisfação imediata das suas necessidades, de uma disciplina não apenas do corpo, mas também do seu interior. É no pré-escolar que se inicia este processo de forma progressiva e natural.

Decorrente desta competência, têm a capacidade de *resiliência*, isto é, a possibilidade de fazer face à frustração de forma positiva, de persistir apesar das adversidades, de aceitar as mudanças como desafios, de saber. A capacidade de resiliência leva a criança a ser forte, otimista, com uma dinâmica criativa face às contrariedades, incorporando-as positivamente no seu desenvolvimento.

Segundo Tavares (2001), o presente conceito, resiliência, é um aspeto psicológico definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar

obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas, ou desafiadoras. A resiliência não é um catálogo de qualidades que um indivíduo possui, é, antes, um processo que desde o nascimento nos liga, sem cessar, ao meio que nos rodeia. Para sobreviver, a criança, em idade escolar precisa de mecanismos para se adaptar à dor, física ou psíquica, e a conviver com a possibilidade de partilhar com os outros a intensidade dessa mesma vivência. A adversidade é uma parte natural da vida. Em algum momento, a criança irá enfrentar alguma dificuldade.

Ser resiliente é importante para se saber lidar, da forma mais funcional, com as adversidades. Enquanto a maioria dos pais esperam que seus filhos nunca enfrentem extrema adversidade, o que é totalmente errado, enfrentar com sucesso situações difíceis, pode realmente, promover o crescimento e ajudar a desenvolver, nas crianças, as habilidades para serem mais resistentes no futuro.

### **2.3. Aspetos que favorecem a resiliência**

A infância é o período da vida humana desde que se nasce até à adolescência. Quando falamos de infância, tendemos a identificá-la como uma fase despreocupada da vida, mas o ser criança, por si só, não protege ninguém dos traumas emocionais que muitos enfrentam, tais como a adaptação a uma nova escola, o bullying ou, até mesmo, violência doméstica, para além das questões próprias do crescimento. A capacidade de superar estas adversidades depende das habilidades de resiliência de cada um. Resiliência não é uma qualidade inata e não é genético, embora possa haver uma tendência genética que pode predispor a ter um “bom caráter”. Resiliência é algo que todos podemos desenvolver ao longo da vida. Algumas pessoas são resistentes porque tiveram nos pais ou em alguma referência muito próxima um modelo a seguir, outros desenvolvem o seu caminho sozinho, o que significa que tiveram de ultrapassar adversidades, sentir o gosto do fracasso e nunca ter desistido. À beira do abismo, deram o seu melhor e desenvolveram as habilidades para enfrentar os vários desafios da vida. A boa notícia é que a resiliência aprende-se. A resiliência desenvolve-se.

Construir a resiliência pode ajudar os nossos alunos a gerir o stress e sentimentos de ansiedade e de incerteza, a aprender a enfrentar adversidades de “peito erguido” e a ter uma maior capacidade para lidar com a desilusão. No entanto, ser resiliente não significa que a criança não venha a sentir desgostos e angústias. A dor emocional e a tristeza são comuns quando sofremos algum trauma ou perda pessoal, ou mesmo quando se trata de uma perda de outra pessoa. Desenvolver a

resiliência é uma jornada que cabe aos pais e professores desenvolver determinados aspectos que favoreçam a resiliência e a integração social, em casa e na escola.

Nomeadamente, o fazer amigos, saber a importância da amizade, partilhar tristezas e saber relacionar-se com os outros; ajudar os outros, ensinar a importância de ajudar alguém; estabelecer uma rotina diária é extremamente importante para uma criança se sentir segura; o cuidar de si próprio, ter noção de que há tempo para brincar e para relaxar, vai ajudar a criança a saber lidar com situações stressantes que possam aparecer; criar metas e objetivos, trabalhar na direção dos objetivos propostos mesmo que lentamente, ser encorajado a continuar, e elogiado pelos seus pequenos feitos, ajuda a construir resiliência e a ser capaz de enfrentar novos desafios e desenvolver a autoestima, ensinar a ter confiança em si próprio para tomar decisões e resolver problemas.

Estes são alguns dos pontos de partida que funcionam como aspectos que favorecem a teoria que a resiliência é definida como a capacidade de uma pessoa lidar com seus próprios problemas, vencer obstáculos e não ceder à pressão, seja qual for a situação.

#### **2.4. Papel do Educador / Professor a favorecer a resiliência**

Quando se observa uma sala de aula é fascinante ver que há sempre alunos que se envolvem e se concentram na tarefa e seguem adiante. Eles realizam o trabalho no tempo previsto, autonomamente, confiantes e sem qualquer tipo de distração. No entanto, há outros alunos que começam a trabalhar, mas distraem-se com facilidade. Eles trabalham por pouco tempo e, assim que o trabalho se torna difícil ou desafiador, desistem. Ou eles pedem ajuda ou se recusam a sequer tentar. Porquê esta diferença? É uma questão de ter uma atitude resiliente, ou seja, são os alunos que têm um conjunto de pressupostos ou atitudes sobre si mesmos que influenciam comportamentos e desenvolvem habilidades. Para pais e professores, a boa notícia é que atitudes podem ser mudadas. As crianças olham para os adultos ao seu redor procurando orientação e, bem ou mal, tomam esses comportamentos adultos como padrão e moldam seus próprios discursos e ações, com base nesses modelos.

Brooks e Goldstein, referem-se a esses modelos como adultos carismáticos. Essas pessoas poderiam ser professores, administradores, treinadores, pais, irmãos mais velhos, ou amigos, mas o importante é que o aluno faça uma relação significativa com o adulto carismático. Os adultos carismáticos podem ajudar os alunos a

crecerem e aprenderem por meio do suporte e modelagem. Muitas vezes, os alunos não têm êxito, porque eles ainda não descobriram o que podem fazer bem. Eles tendem a colocar todas as atividades num mesmo grupo e não conseguem perceber como exercícios sobre um assunto podem ser diferentes de atividades sobre algum outro tema. Se um adulto carismático puder ajudar o aluno a ver, definir, gerir e organizar, aquela sensação de sucesso pode ser transferida para outras áreas da vida, levando a mais sucessos e a um forte senso de resiliência. Outro fator para dar suporte à resiliência é o conceito de controle pessoal. Conforme os estudantes desenvolvem uma compreensão sobre suas competências, eles sentem que podem fazer mais a respeito das suas próprias decisões e orgulham-se das decisões tomadas e realizações pessoais. Os alunos que estão autorizados a fazer escolhas significativas, estão mais propensos a sentir algum controle ou propriedade sobre suas próprias vidas. Esse senso de controle é poderoso em dar apoio a uma atitude resiliente porque dar a possibilidade de escolha para os alunos é fundamental, gera vontade e encorajamento. Esta escolha pode ser tão simples quanto dar opções para se realizar um trabalho ou deixar as crianças escolherem os temas das suas tarefas. O senso de autonomia ajuda-os a sentir que eles estão envolvidos, inseridos. Se eles fizerem a escolha sobre o tema da produção escrita, é mais fácil para eles realizarem o exercício com maior autonomia e sucesso.

Numa sala de aula, existem muitas variáveis, que um professor não pode controlar, tais como o envolvimento dos pais, alimentação, etc.. No entanto, o professor pode tornar-se um adulto carismático e modelar as atitudes de resiliência, identificar e comunicar as chamadas “ilhas de competência” aos alunos, e transmitir um senso de autonomia e escolha nas atividades que vão realizar. Essas dicas são simples e sem custo e podem fazer futuras tarefas serem mais tranquilas e podem também manter os estudantes envolvidos durante todo processo de aprendizagem e aquisição.

A resiliência daria ao professor a certeza da possibilidade real que o seu aluno pode superar problemas psicossociais. Seria uma nova faceta sobre a realidade escolar. No entanto, vale ressaltar que a delicadeza do assunto requer sensibilidade de tomada de decisões, que nem sempre o docente saberá a resposta.

É necessário auxiliar a autonomia e intervir na vida do indivíduo desde a infância, para que o mesmo possa ser resoluto diante das várias questões do seu dia a dia.

A resiliência é uma capacidade importante para o educador saber como lidar com os problemas dos alunos, incluindo no cotidiano escolar.

Segundo Yunes (2003), a resiliência podia contribuir para que os docentes

comecem a ver os seus alunos de uma nova perspectiva. Todos eles podem ter uma capacidade infinita na elaboração de ideias, raciocínios, pensamentos críticos, apreensão de conceitos e outras capacidades intelectuais, mas a intervenção é o ponto chave para que tais capacidades apareçam e se desenvolvam com sucesso.

Conforme Araújo, U. (1998), situações de diversas adversidades vivenciadas pelas crianças, podem afetar o seu estado de humor, o seu relacionamento com os outros, podendo vir a desenvolver uma baixa autoestima, que pode interferir no seu desempenho escolar.

O autor salienta ainda que refletir sobre o desenvolvimento da inteligência infantil e favorecer este desenvolvimento, é algo inerente ao papel social da escola e é isto que se espera dela. Para tal, é importante ver a criança como um ser emocional, um ser que interage com o universo e é dotado de uma capacidade intelectual, que lhe proporciona uma organização e interpretação dessas relações, com o meio social.

## **2.5. Como promover a resiliência em ambiente escolar**

A criança, ainda que limitada em conhecimentos e experiências, deve ser reconhecida pela família, pela escola e por todas as instituições da sociedade como uma pessoa de direitos, tanto quanto qualquer outro indivíduo. Ela deve ser respeitada com toda dignidade humana, principalmente, quando se lida com as emoções e os sentimentos das mesmas. Ninguém aprende a tomar decisões, escolher o melhor candidato político, administrar finanças, entre outras deliberações, da noite para o dia.

O ambiente escolar será resiliente, se os professores compreenderem a importância de trabalhar estratégias capazes de fortalecer a capacidade dos alunos lidarem com as suas dificuldades. Importa que os professores encontrem vínculos para que também eles não incorram no isolamento, na discriminação e na violência. Por isso, ainda que não desfrutem plenamente de importantes características da resiliência, como elo de comunicação com outros, responsabilidade pela própria vida, consciência limpa, cultivo de valores capazes de transcender adversidades, capacidade de compaixão, compreensão e envolvimento com outras pessoas que sofrem, sentem-se também eles interpelados para esta importante capacidade.

O domínio escolar é considerado como um dos três domínios mais importante para o desenvolvimento da resiliência (os outros dois são a família e a sociedade).

A escola influencia a resiliência em duas dimensões: na que pode revelar a resiliência; e em que a escolaridade pode introduzir elementos de estabilidade

relacional e eventualmente afetiva, suscetíveis de favorecer o processo resiliente.

A escola parece ser um dos lugares privilegiados de emergência e de estimulação da resiliência que se revela particularmente importante para as crianças de meios mais desfavorecidos. Rutter, estudou este aspeto e conclui que, em certas circunstâncias, o meio escolar, por um lado, através do apoio dos pares, e por outro, pelas identificações e outras formas de apoio encontradas junto dos adultos (professores, educadores, ...), pode atenuar as falhas dos familiares. Os professores contribuem para o processo resiliente dos alunos na medida em que se tornam suportes de resiliência (Cyrulnik, 2001). Os professores e educadores, contribuem para o processo resiliente mediante a representação de uma figura de identificação e de apoio.

Segundo Lilligan, os domínios escolares e educativos favorecem figuras não apenas suscetíveis de substituir as falhas familiares, mas que podem também contribuir para modificar os estilos de vinculação inicialmente estabelecidos.

A abordagem da resiliência do domínio escolar e educativo pode trazer novos esclarecimentos para as questões que estão ligadas ao insucesso escolar,

Allés-Jardel (2000), questiona os contributos do modelo da resiliência em relação ao insucesso na escolaridade estabelecendo a ligação entre a importância do sentido e do valor atribuído ao saber no êxito escolar e processo resiliente.

## **2.6. A aprendizagem e a resiliência**

Na educação, na relação entre professor e aluno, a resiliência daria à aprendizagem uma nova perspectiva.

O Construtivismo, que tem como base o teórico Jean Piaget psicólogo e educador, propõe que o aluno constrói o conhecimento, sendo ele um sujeito ativo na aprendizagem. O conhecimento é adquirido a partir da relação entre sujeito e objeto, na qual temos como principal premissa a relação com o sujeito. O conhecimento é construído pelo sujeito, que se torna próprio dele, pois o mesmo não o ouviu de outro, mas experimentou através do contato e do confronto com o objeto.

Quando se parte da ideia de que o sujeito constrói o seu conhecimento, nas interações entre o sujeito e o objeto, pode dizer-se que a resiliência, como processo de superação de dificuldades e contrariedades, não está longe da linha de pensamento de Piaget.

Perante isto, o mundo, a sociedade e todas as situações da vida põem o indivíduo frente a um problema e o indivíduo terá de ser capaz de não apenas

resolver, mas conseguir seguir o seu caminho levando consigo o gozo de experimentar e vencer as adversidades que lhe são colocadas. O indivíduo deve ser ensinado de maneira a que não venha a submeter-se a um produto do meio em que vive, mas sim da própria educação adotada. Deve receber condições para vencer os desafios, que lhe são levantados na vida de qualquer ser humano e utilizá-los sempre a seu favor.

Segundo a linha sócio histórica, a aprendizagem também consideraria o princípio resiliente, uma vez que a aprendizagem é de mão dupla, parte do professor e do mesmo modo do aluno. A resiliência exige uma aprendizagem de construção compartilhada, progressiva e dialética. Os indivíduos, segundo a linha sócio histórico, são interativos, são seres sociais construtores da individualidade, mediada pela cultura. Como representantes da psicologia sócio-histórica encontra-se Vygotsky e também Wallon como aquele que concebia o lado social e genético. O segundo complementa para a resiliência uma maior abordagem na compreensão das emoções.

Vygotsky, é mediador ativo de conhecimento para alunos interessados em aprender. O ensino seria um processo social e a aprendizagem que ele gera sucinta a evolução da relação interpessoal.

A aprendizagem precederia o desenvolvimento, sendo um processo de construção compartilhada: uma construção social. Daí o grande valor da escola e do professor para este teórico.

Segundo Almeida (1999), Henri Wallon encarava a aprendizagem através de símbolos e da linguagem. Contudo não se separa o cultural do biológico, ou o intelectual do emocional. O autor explica que a determinação da emoção de um indivíduo não vem só do meio, mas também pela parte orgânica. Ambas atuam juntas em maior ou menor proporção.

Os conflitos a nível emocional segundo a teoria waloniana estimulam o desenvolvimento uma vez que para os ultrapassar exige serenidade e equilíbrio. Nesta situação de superação existe um amadurecimento da inteligência e da emoção.

A aprendizagem da resiliência é o principal para compreender a relação entre professor e aluno.

### **3. Metodologia**

#### **a. Tipo de estudo**

Como metodologia foi efetuada um estudo de natureza qualitativa, utilizando, como instrumento de recolha de dados, a entrevista semi-diretiva a qual foi aplicada a educadoras e professoras do 1º CEB.

Este estudo enquadra-se dentro de um estudo qualitativo, pois para Yin (2005), estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange desde o planeamento, técnicas de recolha e análise de dados.

Para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação de respostas escritas, a Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização específica. Segundo Bardin (2009), a Análise de Conteúdo assenta em três polos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação, sendo esta uma análise de conteúdos das entrevistas.

Segundo Bardin (2009: 123) “Nem todo o material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante”.

Por outras palavras, a escolha deste método visa produzir sentidos e significados profícuos sobre a definição deste conceito em análise, e de que forma é aplicável na prática pedagógica diária, daí a importância de restringir as amostragens.

O processo de recolha de dados foi efetuado, como já referido, de acordo com o guião que se encontra no anexo 2, recorrendo a aplicação de uma entrevista. Considera-se que a entrevista aplicada é do tipo estruturada. Foi construído o guião de entrevista e previamente testado, antes de ter sido aplicada aos docentes que fizeram parte desse estudo. Yin (2009: 99) considera as entrevistas como “one of the most important sources of case study information” sendo que a maioria dos estudos de caso abarcam temas que dizem respeito às pessoas.

Procede-se à análise de dados organizando-os por categorias – objetivos gerais, a partir de questões tendo em conta os objetivos específicos. Partindo do tratamento de dados obtidos, através da análise dos questionários aplicados, pretende-se verificar o que entendem por resiliência; qual o papel do professor/educador e da família; dificuldades a executar/trabalhar a resiliência e qual a sua importância na aprendizagem.

## **b. Técnicas de recolha de dados**

A entrevista organiza-se através de algumas categorias, nomeadamente conceito de resiliência, aprendizagens, práticas e exemplos das mesmas, as suas dificuldades e se deveria haver formação nesta área.

Esta entrevista divide-se em dois blocos, o primeiro é a caracterização dos profissionais e o segundo são questões colocadas aos profissionais.

Esta entrevista tem como objetivos gerais identificar características; as conceções sobre a resiliência e a sua importância na aprendizagem; as práticas que fomentam a resiliência nas crianças e as suas dificuldades e por último a importância de existir formação nesta área.

Todas as entrevistas foram analisadas de acordo com uma guião que se encontra no anexo 4.

## **c. Participantes no estudo**

Para participar neste estudo contei com a colaboração de educadoras e professoras: quatro participantes, do sexo feminino. Estas pertenciam aos ciclos de ensino no qual se focalizou este estudo, tendo sido identificados com a letra “E” as educadoras e a letra “P” as professoras do 1º CEB.

Contei com a participação de duas educadoras do pré-escolar e duas professoras do 1ºCEB. A educadora (um), é licenciada, conta com 15 anos de serviço e tem entre 36 e 40 anos de idade, a educadora (dois), é licenciada, tem dez anos de serviço e a sua idade é inferior a 35 anos de idade.

A professora (um), tem mestrado, doze anos de serviço e tem idade inferior a 35anos, a professora dois, é licenciada, conta com quinze anos de serviço e a sua idade está entre 36 e 40 anos.

Posso com isto concluir que de um total de quatro profissionais, apenas uma possui mestrado.

Os entrevistados foram selecionados intencionalmente, procurando manter a igualdade (duas professoras e duas educadoras) na escolha dos profissionais de ambos os ensinos, sendo que para cada ensino foram escolhidos dois profissionais.

A entrevista foi estruturada por dois blocos, sendo o primeiro relativo à caracterização dos profissionais e o segundo bloco composto pelas questões, com as quais se pretende compreender o que entendem os entrevistados sobre a resiliência,

as suas características, se afeta a aprendizagem e as dificuldades na sua execução, no desenvolvimento da prática educativa.

Podemos verificar, no anexo 3, as transcrições das respostas obtidas resultantes da aplicação das entrevistas.

#### 4. Caracterização das entrevistas

A análise dos dados seguirá a estrutura definida no guião de análise. Para a referida análise foram elaborados dois quadros, sendo um a análise de conteúdos (anexo 4) e a inferência dos dados prévios (anexo 5). De seguida, a respetiva análise será desenvolvida através de cinco categorias: Conceito de Resiliência, Aprendizagens, Práticas, Dificuldades e Formação.

Na primeira categoria, o conceito é transversal, pois é baseado numa capacidade de lidar / resistir a medos, situações novas, problemas e adversidades, "... a capacidade de saber lidar com medos, situações novas,...". Em relação as suas características a educadora 1 refere "saber controlar emoções, sentimentos ...", a educadora 2 diz que são o otimismo, mudança, adaptação e transformação. As professoras estão em mútuo acordo dizendo que os aspetos são: autoestima elevada; independência; ter uma atitude positiva e autonomia.

Na segunda categoria, Aprendizagens, irei analisar as cinco questões relacionadas com esta categoria.

Na primeira "Como a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem?", nesta questão as educadoras e as professoras referem que a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem na medida em que a criança não consegue lidar com os erros, falhas do dia-a-dia e desta forma não os consegue superar as adversidades, "Pode afetar na forma como os alunos reagem a determinadas situações do dia a dia, nomeadamente com a sua atitude e com resistência à frustração associada."

Na segunda "Qual a importância da resiliência na aprendizagem?", as educadoras e professoras referem que a aprendizagem da resiliência em idade pré-escolar leva a criança a não ter medo de experimentar algo novo, em ter desejo em fazer cada vez mais porque sentir-se-á segura e apta a ultrapassar qualquer obstáculo que lhe surja "o querer saber mais e querer fazer cada vez melhor." e é uma ferramenta essencial para o crescimento e aprendizagem, na medida em que os prepara a nunca desistir e a insistir perante os desafios escolares.

A terceira questão "Qual o papel do Educador/Professor?", as educadoras e professoras tem a mesma opinião em relação a esta questão, referem que é importante na medida em que:

- Transmite reforços positivos;
- Elogia a criança;
- Motiva a criança a não desistir;
- Explica estratégias e soluções;

- Desenvolve atividades que originam um processo de formação da criança, a nível emocional, cognitivo e físico;
- E é o principal mediador no contexto social e pedagógico.

Na quarta questão, “O papel da família?”, as educadoras acham que a família é demasiado protetora com os seus filhos e não os preparam para as dificuldades que podem surgir no dia a dia, e desta forma podem vir a sentir-se frustradas com algumas situações. As professoras, referem que a família tem um papel importante e deve ser o principal exemplo e estar sempre presente.

A última questão, “Que práticas é que podem fomentar a resiliência nas crianças?”, nesta questão tanto as educadoras como as professoras estão de acordo dizendo que se deve deixar as crianças serem responsáveis pelas suas atitudes e atos e devem fomentar práticas de autonomia para que tenham independência precocemente. Devem valorizar as crianças através de palavras e gestos, as vitórias e os sucessos, assim como os insucessos, devem ser sempre verbalizados e não ocultados.

Nos exemplos sugeridos, o foco é a resolução, através da valorização, dos exemplos, de encontrar soluções para lidar com as emoções e com os sentimentos.

Em relação a questão “Exemplo de como a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem?”, as educadoras não dera, exemplos de como a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem, mas sim de como evitar isso, “... Temos de ensinar a experimentar e saber lidar com os seus erros, arranjando soluções, desvalorizando o que está mal e valorizando o que poderá ser feito da melhor forma.” A professora 1, refere que esta situação se verifica nos resultados escolares e na negação à sua própria vontade. A professora 2 não respondeu.

Na categorias as dificuldades temos a questão “Quais as dificuldades de executar a resiliência?”, nesta questão as maiores dificuldades encontram-se na falta de tempo, de presença, de fatores económicos, sociais e emocionais, porque os próprios pais não têm essa capacidade desenvolvida.

Relativamente à última categoria, “Deveria haver formação?”, todas as entrevistadas concordam que seria fundamental haver formação para os três pilares intervenientes: professores, pais e alunos, de forma que juntos consigam ultrapassar esta dificuldade social.

## 5. Síntese comparativa dos resultados

De um modo geral, tanto os educadores como os professores têm a mesma opinião em relação ao conceito de Resiliência. Todas se referiram ao conceito de Resiliência como a capacidade de lidar com situações novas e a capacidade de ultrapassar os obstáculos que vão surgindo.

No que diz respeito a categoria da aprendizagem com as questões: “Como é que a resiliência afeta o processo de aprendizagem?” e “Qual a importância da resiliência na aprendizagem?”. Relativamente à primeira questão referem que a aprendizagem pode ser afetada na forma como os alunos reagem a determinada situação do dia a dia, nomeadamente com a sua atitude e com resistência à frustração associada. No que se trata da importância da ferramenta essencial ao crescimento e a aprendizagem, na medida em que prepara a nunca desistir e a insistir perante os desafios escolares.

Na prática utilizada, cada uma tem a sua própria prática. Acham relevante ensinar às crianças a saber fazer e a resolver; ajuda-las a pensar e a lutar; devemos saber aumentar a sua auto estima; ensina-las a serem responsáveis e autónomas; e ensinar a lidar com os sentimentos e agressividades.

As dificuldades sentidas na execução da resiliência de um modo geral são: a falta de tempo, a falta de conhecimento, a falta de presença e o desinteresse.

Por último, de um modo geral, todas as educadoras e professoras acham importante e relevante a existência de formação nesta área tanto para professores/educadores como para os pais, para deste modo saberem lidar e poderem ajudar em situações que estão fora da rotina diária, ajudar na capacidade de resistir e de ultrapassar adversidades.

### Capítulo III – Reflexão Final

Decorrido ano e meio, considerando este relatório como a chegada à reta final da formação acadêmica e, tendo em conta todo o percurso profissional resultante da mesma, é fundamental o refletir sobre a minha prática, fazendo uma análise das aprendizagens e das dificuldades sentidas no percorrer de toda esta caminhada.

A reflexão sobre a prática permite compreender e melhorar o que, em determinado momento, não nos foi possível entender, é refletindo sobre a ação que podemos ir aperfeiçoando na nossa prática enquanto docentes.

Após este percurso de aprendizagem, durante o qual houve uma passagem por quatro diferentes contextos de estágio, surgiram algumas questões que resultaram numa reflexão teórica. A segunda parte deste trabalho incide sobre a Resiliência nos processos educativos e na aprendizagem das crianças, como os docentes a entendem, como a concretizam e as dificuldades com que se deparam.

Através das respostas obtidas às entrevistas realizadas aos docentes do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico e pela definição de conceitos na contextualização teórica, pode-se concluir que existe ainda um grande caminho a percorrer no que respeita a este tema, porque ficou definido que é mais fácil abordar o conceito ao nível da teoria, que propriamente implementá-lo na prática.

Com este relatório conclui-se que no ambiente escolar, nem professores e nem alunos estão imunes de se verem envolvidos em traumas, tragédias, ameaças, rivalidades, formas de exclusão e até de perseguição.

O que poderia, nestes casos, facilitar um processo dinâmico de superação das inconveniências da adversidade? Com a crescente ausência de laços afetivos familiares, tende-se a relegar à escola a primordial tarefa de educação da afetividade.

Independente do que os professores vivem como profissionais da educação, muitos alunos que chegam à escola não trazem do seu bloco familiar um suporte de orientação social positiva, nem experiência de coesão familiar, nem a percepção da presença expressiva dos seus pais, em ambientes sociais e de serviços humanitários. O educador / professor torna-se ator central para fazer com que o cenário educacional vislumbre forças de resiliência. O suporte afetivo emocional pode fortalecer não somente a ação de diálogo, mas também a capacidade colaborativa a fim de formar pessoas sociáveis e tolerantes.

Na incumbência de formação de seres humanos através de conteúdos cognitivos e afetivos, os professores agem para uma dupla demanda: a escola e a sociedade. Nesta tarefa, age, de maneira muito expressiva, a influência das emoções.

A capacidade de lidar com as adversidades não é uma capacidade inata. Ela

depende, fundamentalmente, da forma positiva de avaliar a noção da adversidade e da articulação cognitiva e emocional para aceitá-la, tal como aconteceu, com o mínimo de disfuncionalidade ou perturbação.

A questão básica e intrigante é a de saber que fatores podem facilitar este processo positivo.

Dependem, em primeiro lugar, da sociabilidade, pois, dela pode emergir importante suporte solidário, é dela que pode resultar um olhar realista sobre os fatos adversos; e, é dela que decorre tanto a confiança nas habilidades, quanto nas forças interiores para controlar os sentimentos intensos e integrá-los em nova solução.

Por muito tempo, o conceito “resiliência” foi pensado como uma questão restrita ao indivíduo. Atualmente tende-se a fazer recair sobre a família e o ambiente social a capacidade de fazer um indivíduo encontrar formas sadias de superar as adversidades. A resiliência foi pensada como capacidade isolada do indivíduo para lidar com as adversidades. Sabe-se hoje que o efeito de salientar os aspetos positivos da adaptação e a superação dos momentos difíceis, torna-se mais significativa para o equilíbrio emocional.

Por outras palavras, ser resiliente não é ser invulnerável, pelo contrário, é ter capacidade de se reerguer depois de atingido, de adaptar-se positivamente ao que lhe foi imposto, extraindo experiência das situações difíceis, enriquecendo de maneira única a vivência do indivíduo e, posteriormente, utilizar esta aprendizagem para reverter a situação a seu favor.

## Referências Bibliográficas

- Anaut, M. (2002). *A resiliência ultrapassar os traumatismos* . Climepsi editores.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- Bertrand, Y. (2001). *Teorias Contemporâneas de Educação* . Instituto Piaget.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologias de Investigação* . Lisboa : Universidade Aberta .
- Carvalho, A. (1995). *Novas metodologias em Educação* . Porto: Porto Editora .
- Coimbra, R. M., & Morais, N. A. (2015). *A Resiliência em Questão perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção* . artmed.
- Cyrułnik, B. (s.d.). *Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana* . instituto Piaget.
- Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa .
- Katz, L. e. (1997). *A abordagem de projeto na Educação de Infância*. Lisboa : Fundação Calaust Gulbenkian .
- Marcos, L. R. (s.d.). *Superar a adversidade - O poder da resiliência*. Planeta.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e Aprender por Projetos*. Edições Asa.
- Nissa, S. (1998). *A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional .
- Zalbaza, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto.
- <http://uptokids.pt/educacao/10-dicas-para-criar-criancas-e-adolescentes-resilientes/>
- <http://www.encyclopedia-crianca.com/resiliencia/segundo-especialistas/resiliencia-na-primeira-infancia-e-seu-impacto-sobre-o>
- <http://www.webartigos.com/artigos/a-resiliencia-na-atuacao-docente/70120/#ixzz40AYmHDjS>
- <http://www.webartigos.com/artigos/a-resiliencia-na-atuacao-docente/70120/#ixzz40AXt5oWQ>
- <http://porvir.org/como-apoiar-resiliencia-dos-alunos-na-sala-de-aula/>
- <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>

## **Anexos**

## **1. Legenda da Sala de 1 ano**

### **Legenda da sala**

- 1) Mesa;
- 2) Armário;
- 3) Cesto com bolas;
- 4) Cesto com bonecas;
- 5) Tapete;
- 6) Móvel de arrumação de brinquedos;
- 7) Cesto com livros;
- 8) Caixa com carros;
- 9) Leitor de Cd's;
- 10) Almofadas.

### **Legenda da casa de banho**

- 1) Sanitas;
- 2) Armário para produtos de higiene;
- 3) Banheira;
- 4) Muda fraldas;
- 5) Balde do lixo;
- 6) Balde do lixo para fraldas.

## 2. Guião de Entrevista

Blocos	Objetivos	Questões
1. Introdução e agradecimentos	Apresentação sucinta do estudo; Garantia de anonimato.	
2. Dados Pessoais	Identificação	2.1. Sexo; 2.2. Idade; 2.3. Habilitações académicas; 2.4. Anos de serviço.
3. Resiliência e prática educativa	Identificar características  Conceções sobre a resiliência e a sua importância na aprendizagem  Práticas que fomentem a resiliência nas crianças e as suas dificuldades  Formação	3. O que entende por resiliência? 4. Características da resiliência?  5. Como é que a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem? a. Dê exemplos? 6. Qual a importância da resiliência na aprendizagem? 7. Qual o papel do educador/professor? 8. Qual o papel da família?  9. Que práticas é que podem fomentar a resiliência nas crianças? 10. Quais as dificuldades de executar a resiliência?  11. Na sua opinião, devia haver formação nesta área?

### 3. Transcrição das entrevistas

Questão Resposta	<b>O que entende por resiliência?</b>
E1	Entendo por resiliência a capacidade de saber lidar com medos, situações novas, não rotineiras que podem estar fora do nosso controle mas que conseguimos ultrapassar sem entrar em stress, em depressões ou fragilidades emocionais.
E2	A resiliência é a capacidade de uma pessoa lidar com os seus problemas, adaptar-se à mudança.
P1	Capacidade de resistir e de ultrapassar adversidades.
P2	Resiliência é a aptidão que o ser humano tem de aceitar as adversidades e de as contornar.
	<b>Características da resiliência?</b>
E1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber controlar emoções, sentimentos e conter-se na impulsividade;</li> <li>• Ser ponderado sem tomar decisões precipitadas;</li> <li>• Encarar a vida com cabeça erguida sem ir “abaixo” perante uma desilusão.</li> </ul>
E2	Optimismo, mudança, adaptação, transformação.
P1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equilíbrio emocional;</li> <li>• Alto nível de competência;</li> <li>• Atitude Positiva;</li> <li>• Autoestima elevada;</li> <li>• Autonomia;</li> <li>• Independência;</li> <li>• Suporte / Apoio Familiar e Pedagógico.</li> </ul>
P2	Boa autoestima, motivação, independência, esperança, positivismo...
	<b>Como é que a resiliência pode afetar o processo de aprendizagem?</b>
E1	Se uma criança não conseguir lidar com os seus erros no dia a dia, que são naturais, com as suas falhas, estará sempre com o medo de fazer.

<b>E2</b>	Pode ajudar a criança em busca do saber, na superação das suas dificuldades, a não ceder à pressão.
<b>P1</b>	Pode afetar na forma como os alunos reagem a determinada situação do dia a dia, nomeadamente com a sua atitude e com resistência à frustração associada.
<b>P2</b>	Um ser humano poderá ter um bom processo de aprendizagem se foi resiliente, uma vez que tentará superar as suas dificuldades, apresentar-se-á mais recetivo a novas situações, estará mais ávido de conhecimento. Pelo contrário se for pouco resiliente, entrará com maior facilidade em stress, cairá em desmotivação, perderá o interesse pelos novos conhecimentos.
	<b>Dê exemplos?</b>
<b>E1</b>	“ Não consigo”.. Não consegue mas não experimentou, então como sabe que não consegue? Como é algo novo, a mente já está pré-disposta a dizer que não consegue porque a criança prefere não fazer algo de desconhecido do que fazer e achar que vai fazer mal. Temos de ensinar a experimentar e saber lidar com os seus erros, arranjando soluções, desvalorizando o que está mal e valorizando o que poderá ser feito da melhor forma.
<b>E2</b>	Ultrapassar dificuldades de aprendizagem.
<b>P1</b>	Reação perante resultados escolares, negação à sua própria vontade ou perante situações de conflito com os pares.
<b>P2</b>	-----
	<b>Qual a importância da resiliência na aprendizagem?</b>
<b>E1</b>	A educação de infância é de extrema importância para que a criança adquira segurança e acredite em si. Se não conseguir desanimar com o desconhecido, com o medo de experimentar algo novo, conseguirá ter desejo em fazer cada vez mais porque sentir-se-á segura e apta para ultrapassar qualquer obstáculo que se achesse no seu caminho.
<b>E2</b>	O querer saber mais e querer fazer cada vez melhor
<b>P1</b>	Trata-se de uma ferramenta essencial ao crescimento e à aprendizagem, na medida em que prepara a nunca desistir e a insistir perante os desafios escolares.
<b>P2</b>	É muito importante na aprendizagem, pois esta influenciará todo o processo.

	<b>Qual o papel do educador/professor?</b>
<b>E1</b>	O educador é um mero mensageiro que transmite reforços positivos, que elogia a criança evitando o “está mal”, mas reforçando os pontos positivos e dando diretrizes para se fazer melhor.
<b>E2</b>	Motivar as crianças a não desistir das tarefas, fomentar o espírito crítico
<b>P1</b>	O papel do professor é fundamental porque é o principal mediador no contexto social e pedagógico, explicando estratégias e soluções, dando exemplos.
<b>P2</b>	O professor/educador tem um papel muito importante, pois deverá desenvolver desde cedo atividades que originem um processo de formação da criança no seu ser completo, ou seja, na parte emocional, cognitivo e físico. Um criança que cresça a desenvolver em si a capacidade de superara as suas dificuldades, os seus erros, aceitar críticas, terá de certo um processo de aprendizagem coeso e conciso.
	<b>Qual o papel da família?</b>
<b>E1</b>	Na minha opinião, hoje em dia, a família é demasiado protetora, as crianças acabam por não serem independentes em encontrar soluções, em lidar com os erros porque não foram ensinadas a pensar por elas próprias, precisando sempre duma retaguarda que acaba por “abafar” o pensamento próprio da criança.
<b>E2</b>	Valorizar as aquisições das crianças e motivá-las.
<b>P1</b>	Fundamental no desenvolvimento emocional, na capacidade criativa e na iniciativa. A família é o principal exemplo, necessita de ser presente, oferecendo espaço para o erro, apoio na dor e orgulho nas vitórias.
<b>P2</b>	A família tem um papel também igualmente importante, pois deverá desenvolver capacidades e aptidões no seu bebé para que ele saiba a aceitar “um não”, aceitar as regras, controlar as suas birras...
	<b>Que praticas é que podem fomentar a resiliência nas crianças?</b>
<b>E1</b>	Na escola, as rotinas, a segurança, o planeamento do dia são de extrema importância para que a criança saiba o que vai acontecer durante o dia. Quando chegar à hora de uma atividade ou outro não se sinta descontextualizada, mas segura do que vai acontecer. Como educadores, temos de ensinar as crianças a saber fazer, mas também a saber resolver. Temos de ajudar as crianças a pensar, a resolver

	<p>situações, adversidades dando-lhes proteção e ensinando-lhes a “lutar”, encontrar soluções para os seus problemas. Perguntar perante uma situação “Então o que podes fazer?”, “Qual é a melhor solução no teu ponto de vista” para que elas se sintam seguras de si próprias sem irem “abaixo” perante qualquer problema. Na minha opinião, esta é a base para que, nas suas vidas, consigam ser resilientes perante os altos e baixos, que consigam pensar por elas próprias encontrando os melhores caminhos para um bem estar psicológico e emocional sem se deixarem afetar pelo desconhecido, pelo “não”, por algo que não está à espera e que nos possa desiludir. Ser forte e seguro com ideias próprias é meio caminho para termos adultos resilientes com capacidade de resolução.</p>
<b>E2</b>	Atividades que aumentem a autoestima, valorizar as aprendizagens
<b>P1</b>	<p>Deixá-las ser responsáveis pelas suas atitudes e atos. Fomentar práticas de autonomia para que a independência seja ganha precocemente.</p> <p>Valorizar através de palavras e gestos, as vitórias e os sucessos, assim como os insucessos, serem verbalizados e não ocultados.</p>
<b>P2</b>	Práticas e atividades que abordem competências para lidar com o auto-conhecimento, os sentimentos, competências para lidar com a agressividade e competências para lidar com o stress, por exemplo.
	<b>Quais as dificuldades de executar a resiliência?</b>
<b>E1</b>	Com frequência, as pessoas desgastam-se psicologicamente, emocionalmente com o stress diário e acabam por perder a capacidade de reagir e de manter a serenidade.
<b>E2</b>	A baixa autoestima.
<b>P1</b>	Falta de tempo, falta de presença, desinteresse, despreocupação e falta de conhecimento.
<b>P2</b>	Nos dias de hoje, muitas vezes, a resiliência é difícil de executar em virtude de fatores económicos e sociais, a “dita” falta de tempo, o stress para alcançar objetivos, o desemprego, levam a que os adultos de hoje não consigam transmitir valores e conceitos para que as crianças cresçam e desenvolvam essa capacidade de resiliência, porque eles próprios também não a têm desenvolvida.
	<b>Na sua opinião, devia haver formação nesta área?</b>
<b>E1</b>	Poderia haver sim para nos ajudar a lidar com o OUTRO e com

	situações que estão fora das nossas rotinas para termos capacidade de as ultrapassar com sentido de análise prática e de resolução.
<b>E2</b>	Sim
<b>P1</b>	Sim, formação para os três pilares intervenientes: professores, pais alunos.
<b>P2</b>	Na minha opinião sim. Deveria existir mais investimento a nível da formação nesta área, uma vez que o próprio professor /educador, deverá encontrar mecanismos para desenvolver essa capacidade e auto conhecimento, que muitas vezes não tem, para que possa transmitir e criar competências nas crianças que trabalham consigo.

#### 4. Análise de conteúdos

Categorias	Indicadores/ Evidencias
Conceito Resiliência	<p>“(…) capacidade de saber lidar com medos, situações novas.” (E1 – Anexo 3)</p> <p>“(…) a capacidade de uma pessoa lidar com os seus problemas, adaptar-se à mudança.” (E2 – Anexo 3)</p> <p>“Capacidade de resistir e de ultrapassar adversidades.” (P1 – Anexo 3), “(…) aptidão que o ser humano tem de aceitar as adversidades e de as contornar.” (P2 – Anexo 3)</p>
Aprendizagens	<p>“Se uma criança não conseguir lidar com os seus erros no dia a dia.” (E1 – Anexo 3)</p> <p>“Pode afetar na forma como os alunos reagem a determinada situação do dia a dia(…)”(P1 Anexo 3),</p> <p>“Trata-se de uma ferramenta essencial ao crescimento e à aprendizagem, na medida em que prepara a nunca desistir e a insistir perante os desafios escolares.” (P1 Anexo 3), “Um ser humano poderá ter um bom processo de aprendizagem se foi resiliente, uma vez que tentará superar as suas dificuldades, apresentar-se-à mais recetivo a novas situações, estará mais ávido de conhecimento.” (P2 – Anexo 3)</p>
Práticas/ Exemplos	<p>“(…) ensinar as crianças a saber fazer, mas também a saber resolver.”(E1 – Anexo 3), “ajudar as crianças a pensar, a resolver situações, adversidades dando-lhes proteção e ensinando-lhes a “lutar”, encontrar soluções para os seus problemas.”(E1 – Anexo 3), “Perguntar perante uma situação “qual é a melhor solução no teu ponto de vista””(E1 – Anexo 3), “(…) responsáveis pelas suas atitudes e atos.” (P1 – Anexo 3),</p> <p>“Atividades que aumentem a autoestima, valorizar as aprendizagens.”(E2 – Anexo 3), “Valorizar através de palavras e gestos, as vitórias e os sucessos(…)”(P1 –</p>

	Anexo 3), “Práticas e atividades que abordem competências para lidar com o autoconhecimento, os sentimentos, competências para lidar com a agressividade e competências para lidar com o stress(...)(P2 – Anexo 3)”
Dificuldades	“baixa autoestima” (E2 – Anexo 3), “Falta de tempo, falta de presença, desinteresse, despreocupação e falta de conhecimento.”(P1 – Anexo 3), “(...)fatores económicos e sociais, a “dita” falta de tempo, o stress para alcançar objetivos, o desemprego, levam a que os adultos de hoje não consigam transmitir valores e conceitos para as crianças cresçam e desenvolvam essa capacidade de resiliência, porque eles próprios também não a tem desenvolvida.” (P2 – Anexo 3)
Formação	“Sim”(E2 – Anexo 3)“Sim, formação para os três pilares intervenientes: professores, pais e alunos.”(P1 – Anexo 3), “Sim, deveria existir mais investimento a nível da formação nesta área (...) para que possa transmitir e criar competências nas crianças que trabalham consigo.” (P2 – Anexo 3)

## 5. Inferência de dados prévios

Categorias de análise	Inferência dos dados prévios
Conceito Resiliência	Consenso na definição do conceito
Aprendizagens	Consenso na definição da categoria. Ferramenta / capacidade essencial e fundamental à aprendizagem.
Práticas/ Exemplos	Atividades que aumentem a autoestima. Valorizar a criança e envolver os pais neste processo, para encontrar soluções que façam a criança crescer.
Dificuldades	Consenso na falta de tempo, desinteresse e desconhecimento parental.
Formação	Consenso na importância da formação porque é necessário passar da teoria à prática, consciencializando todos os intervenientes a dar uma resposta eficiente.